



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS  
MBA EM ESTUDOS ESTRATÉGICOS  
E RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
TURMA CIASC 2023**



**A ESTRATÉGIA DE DEFESA DE TAIWAN**

**ALUNO: VITOR BRANDÃO DE MELO**

**ORIENTADOR: PROF. TADEU MORATO MACIEL**

**NITERÓI, 2023**

VITOR BRANDÃO DE MELO

**A ESTRATÉGIA DE DEFESA DE TAIWAN**

Trabalho de conclusão de curso de MBA apresentado ao Instituto de Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense com parceria ao Centro de Instrução Sylvio de Camargo (Marinha do Brasil) como requisito parcial para a obtenção do título de MBA em Relações Internacionais.

Niterói  
2023

**Folha de Aprovação de Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Internacionais  
(Monografia)**

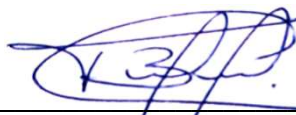
**Título do Trabalho: A estratégia de defesa de Taiwan**

**Aluno: VITOR BRANDÃO DE MELO**

**Avaliadores**

---

**Avaliador 01: Profa. Dra. Erika Kubik (leitora)**



---

**Avaliador 02: Prof. Dr. Tadeu Morato Maciel (orientador)**

<b>Notas dos Avaliadores</b>	
<b>Nota 1</b>	<b>9,5</b>
<b>Nota 2</b>	<b>9,5</b>
<b>TOTAL</b>	<b>9,5</b>

À minha família, pela compreensão quanto à minha ausência durante a confecção deste trabalho.

## RESUMO

Por um longo período Taiwan tem se preparado para uma possível invasão chinesa, visto que o governo de Pequim reconhece aquele território como uma província rebelde, o que tem resultado em inúmeras pressões políticas, econômicas e militares que a ilha vem sofrendo por parte da China nas últimas décadas. Tendo em vista o diferencial de poderio (especialmente militar) entre os dois Estados, tem-se a percepção de que este cenário poderia resultar em uma guerra assimétrica. Nesse sentido, este trabalho tem por foco, entender a postura da China, de Taiwan e dos Estados Unidos, que têm exercido grande influência nos atritos diplomáticos entre Taiwan e China. A fim de produzir uma análise qualitativa especialmente baseada em revisão bibliográfica, dividiu-se esse trabalho em três partes. Na primeira objetiva-se um entendimento do que seria uma guerra assimétrica, utilizando justamente a diferença de poderio entre China e Taiwan como estudo de caso. Assim, este trabalho se utilizará de dados estatísticos e debates conceituais, aliando-os a evidências relativas às posturas da China e de Taiwan em uma possível guerra assimétrica. Na parte seguinte, foram abordadas as raízes históricas dos atritos entre esses dois atores e os motivos pelos quais a China faz as reivindicações de retomada daquele território para o seu controle efetivo. Na terceira parte, foi feito uma análise da defesa estratégica de Taiwan, que tratou desde a política internacional da ilha, suas capacidades de defesa e por fim, da sua estratégia denominada como “porco-espinho”. Dessa forma, buscou-se comprovar a hipótese de que em um cenário de guerra assimétrica, Taiwan busca compensar suas desvantagens com a mobilização integrada de variados instrumentos que freariam o ímpeto chinês de implementar um ataque anfíbio.

Palavras-chave: China, Taiwan, Estados Unidos, Guerra Assimétrica, Estratégia “Porco-Espinho”

## **ABSTRACT**

For a long period of time, Taiwan has been preparing for a possible Chinese invasion, as the Beijing government recognizes that territory as a rebel province, which has resulted in numerous political, economic and military pressures that the island has been suffering from China in the past. recent decades. Given the difference in power (especially military) between the two States, there is a perception that this scenario could result in an asymmetric war. In this sense, this work focuses on understanding the stance of China, Taiwan and the United States, which have exerted great influence on diplomatic frictions between Taiwan and China. In order to produce a qualitative analysis especially based on a bibliographic review, this work was divided into three parts. The first aims to understand what an asymmetric war would be, using precisely the difference in power between China and Taiwan as a case study. Thus, this work will use statistical data and conceptual debates, combining them with evidence regarding the positions of China and Taiwan in a possible asymmetric war. In the following part, the historical roots of the friction between these two actors were addressed and the reasons why China makes demands to regain that territory for its effective control. In the third part, an analysis was made of Taiwan's strategic defense, which covered everything from the island's international politics, its defense capabilities and finally, its strategy called "hedgehog". In this way, we sought to prove the hypothesis that in a scenario of asymmetric war, Taiwan seeks to compensate for its disadvantages with the integrated mobilization of various instruments that would curb the Chinese impetus to implement an amphibious attack.

**Keywords:** China, Taiwan, United States, Asymmetric Warfare, "Porcupine" Strategy

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

### **FIGURAS**

Figura 1 – Exercícios da China próximos a Taiwan em 2022.....22

### **TABELAS**

Tabela 1 - Diferença de poderio militar entre China e Taiwan.....18

### **MAPAS**

Mapa 1 – Localização de Taiwan e a representação da estratégia porco-espinho.....38

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1. A GUERRA ASSIMÉTRICA ENTRE CHINA E TAIWAN .....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Conceitos de Guerra Assimétrica.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 Comparações entre o poderio tecnológico e militar .....</b>	<b>16</b>
<b>1.3 Implicações da presença americana no conflito .....</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO 2. A QUESTÃO HISTÓRICA ENTRE CHINA E TAIWAN .....</b>	<b>24</b>
<b>2.1 Raízes Históricas da Disputa.....</b>	<b>24</b>
<b>2.2 As reivindicações chinesas .....</b>	<b>28</b>
<b>2.3 Questões da soberania de Taiwan e a busca do Reconhecimento Internacional.....</b>	<b>32</b>
<b>CAPÍTULO 3. A DEFESA DE TAIWAN .....</b>	<b>36</b>
<b>3.1 A Política Internacional de Defesa de Taiwan frente aos interesses chineses e estadunidenses .....</b>	<b>36</b>
<b>3.2 Componentes e Capacidades da Estratégia de Defesa de Taiwan .....</b>	<b>38</b>
<b>3.3 A estratégia de “Porco-Espinho” de Taiwan .....</b>	<b>41</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>50</b>



## INTRODUÇÃO

Os atritos entre China e Taiwan têm raízes profundas e se mostram como uma das questões mais complexas no cenário mundial contemporâneo. Tais raízes devem-se ao fato de que a ilha foi governada pela China há séculos, porém foi ocupada pelos japoneses de 1895 a 1945, e, após a Segunda Guerra Mundial, Taiwan foi novamente devolvida à China. Contudo, após o governo do Partido Nacionalista Chinês (*Kuomintang* - KMT) perder a Guerra Civil Chinesa para o Partido Comunista Chinês (PCC), membros do KMT se exilaram e estabeleceram um governo na ilha de Taiwan e, desde então, aquela localidade tem demandado uma gestão governamental independente em relação à China, que nunca a reconheceu como uma nação autônoma.

Nos últimos 10 anos a situação entre China e Taiwan tem se deteriorado, visto que a China tem aumentado a pressão diplomática sob Taiwan, realizado inúmeros exercícios militares perto da ilha e, inclusive, lançando mísseis próximos à região, com o agravante dos Estados Unidos reprovarem as ações chinesas e estarem frequentemente enviando navios militares e realizando exercícios naquela região, além da frequente visita de políticos estadunidenses à referida ilha nos últimos anos.

A China considera Taiwan como uma província rebelde e que, portanto, deve ser reunificada. Tal posição é baseada na doutrina de “Uma China”, que afirma que Taiwan é uma província chinesa. Porém Taiwan tem se mantido independente da China desde 1949 e ignorado os pedidos chineses, também ancorada pelo fato de que grande parte da população de Taiwan é a favor da independência da ilha. A política internacional de defesa de Taiwan sofre influência de vários fatores, dentre os quais podemos destacar: o poderio militar chinês, a interdependência dos Estados Unidos e China, o grande desenvolvimento de Taiwan e as divergentes opiniões sobre os atritos entre a ilha e a China.

A presença dos Estados Unidos no Mar da China serve como uma forma de dissuasão para que o país não tome Taiwan à força, além do que os Estados Unidos têm se usado de uma "ambiguidade estratégica" em relação à situação, isto porque o governo estadunidense não deixa explícito em momento algum que defenderia a ilha caso a China optasse por uma invasão. Porém, os Estados Unidos têm mantido uma forte presença militar na região, o que gera dúvidas na China se os norte-americanos iriam interferir ou não em um possível conflito. Assim como a OTAN tem feito com a Ucrânia, os Estados Unidos têm fornecido treinamento militar e armas para Taiwan. Porém, a presença estadunidense no Mar da China não pode ser

vista apenas como uma dissuasão, pois tal fato pode resultar em implicações de grande vulto para todas as partes envolvidas, sejam elas os Estados Unidos, a China ou Taiwan.

Quando um forte animal, como um leão, por exemplo, tenta capturar um porco-espinho, ele se depara com um animal muito menor e mais fraco, que não aparenta ser agressivo. Porém, este leão se vê de frente com um animal cheio de espinhos, com uma capacidade de defesa avassaladora, e quanto mais forte e agressivo for a força agressora contra este porco-espinho, mais danos o agressor sofrerá, o que irá incorrer em feridas dolorosas e uma provável desistência desse animal em capturá-lo.

Usando-se do mesmo princípio de um “porco-espinho” em repelir um agressor muito mais forte, Taiwan há décadas se prepara para uma possível tentativa de invasão chinesa e, para tal, investe pesado em armamentos para aumentar sua defesa, como, por exemplo: mísseis terra-ar, armas anti navios e minas marinhas. O fato de Taiwan ser uma ilha a beneficia muito, tendo em vista a dificuldade e complexidade de um desembarque anfíbio, que é considerada a manobra militar mais complexa. Esta tem se mostrado uma estratégia poderosa para dissuadir a China em iniciar uma guerra assimétrica, mesmo que o gigante asiático tenha uma explícita superioridade militar e tecnológica.

Estima-se que uma tentativa de desembarque anfíbio por conta da China pode resultar em uma perda de 60% dos meios empregados. Tal estratégia defensiva tem por base a dissuasão, a resiliência, a capacidade de negar à China o acesso às terras de Taiwan e a complexidade da operação na mais complexa e adversa manobra militar conhecida, que seria um desembarque anfíbio em Taiwan, localizada no Mar da China com uma distância compreendida pelo Estreito de Taiwan, que tem 180 km de largura no ponto mais estreito.

Diante da contextualização acima, por meio de uma análise qualitativa baseada, principalmente, em revisão bibliográfica, esta monografia tem por objetivo compreender as tensões entre China e Taiwan, focando na capacidade de defesa da ilha em relação a um possível ataque chinês. O objetivo central dessa pesquisa é verificar a viabilidade de compreendermos as possibilidades de defesa de Taiwan a partir do que se denomina como estratégia “porco-espinho”. Nesse sentido, houve a busca por comprovar a hipótese de que em um cenário de guerra assimétrica, Taiwan busca compensar suas desvantagens com a mobilização integrada de variados instrumentos que freariam o ímpeto chinês de implementar um ataque anfíbio.

Para que tal objetivo seja alcançado, essa monografia está dividida em três partes principais. No primeiro capítulo é feito um debate de cunho mais teórico sobre o conceito de guerra assimétrica. Além disso, há uma contextualização sobre o poderio tecnológico e militar

da China e Taiwan, além de uma análise sobre as implicações da presença estadunidense no conflito. No segundo capítulo são discutidas as raízes históricas da referida disputa e as principais reivindicações chinesas sobre a região. Além disso, são apresentadas as principais questões que embasam o debate sobre a soberania de Taiwan e a sua busca pelo reconhecimento internacional. Por fim, o terceiro capítulo versa sobre a referida estratégia “porco-espinho”, adotada por Taiwan para ampliar suas capacidades de defesa frente a possíveis ataques chineses.

## CAPÍTULO 1. A GUERRA ASSIMÉTRICA ENTRE CHINA E TAIWAN

### 1.1. Debate Conceitual Sobre Guerra Assimétrica

A guerra assimétrica, muito comum nos últimos conflitos mundiais, pode ser entendida como “todo e qualquer tipo de conflito bélico em que, - pelo menos em algum momento -, existe a efetiva limitação (ou, em termos mais precisos, autolimitação) do emprego da evidente superioridade militar (e, particularmente, tecnológica) no campo de batalha” (Friede, 2010, p. 159), ou seja, o termo guerra assimétrica descreve o conflito entre duas forças significativamente discrepantes e que a estratégia de cada uma dessas difere grandemente por conta da diferença de poderio. Para ter êxito, o lado mais fraco deve ser mais resiliente e motivado, deve tentar se utilizar de estratégias, brechas e vantagens que o lado mais forte pode proporcionar, a fim de compensar a diferença de poderio entre os dois.

Todavia, não se trata somente da guerra entre o ator fraco e um muito mais forte, pois, na verdade, refere-se também à introdução de um elemento disruptivo, seja ele tecnológico, estratégico ou tático, que muitas vezes desafia a lógica e explora uma vulnerabilidade do adversário. Portanto, o conflito armado assimétrico não ocorre apenas devido à desigualdade entre os rivais, mas quando esses oponentes adotam abordagens de combate distintas em sua concepção e execução (Silva, 2007). Muitas das vezes, inclusive, uma guerra assimétrica é caracterizada por ser uma guerra entre um exército convencional e um movimento de resistência ou mesmo de milícia.

Em um cenário de profundas mudanças econômicas, políticas e culturais em escala global, torna-se mais improváveis os grandes conflitos em larga escala, caracterizados por violência sem limites no embate entre Estados, como ocorreram durante a Primeira e Segunda Guerra Mundiais. Por outro lado, o mundo vive atualmente em um momento de conflitos regionalizados e restritos no nível internacional, frequentemente indo além das fronteiras dos países em conflito. Estes conflitos envolvem tanto forças estatais quanto não estatais e são motivados por diversas temáticas, como questões étnicas, tribais, religiosas ou até mesmo por organizações criminosas. Além disso, são impulsionados por nacionalismos extremistas e disputas territoriais, como ocorre atualmente entre China e Taiwan, que é o legado de conflitos do passado que foram mal resolvidos (Silva, 2007).

Na modernidade o mundo presenciou três tipos (gerações) principais e distintos de guerra. A primeira geração surgiu com o Tratado de Vestfália (que estabeleceu o princípio de soberania estatal) e se baseia no poder associado à quantidade de massa humana nos

combates, e atingiu seu apogeu durante a era de Napoleão Bonaparte, com o enfrentamento de exércitos numerosos. A segunda geração se caracterizou pelo poder de combate em fogo e surgiu com a Guerra Civil Americana (1861-1865), alcançando grandes proporções na Primeira Guerra Mundial. A terceira geração de guerra se baseia em manobra tática, originando-se da *blitzkrieg* na Segunda Guerra Mundial, visto que as tropas alemãs, dotadas de grande manobrabilidade se sobrepunham a forças estáticas entrincheiradas, mesmo que caracterizadas por grande capacidade de fogo.

No século XXI, o ataque aos EUA em 11 de setembro de 2001 marcou o início da chamada quarta geração da guerra, caracterizadas pela porosidade não apenas das fronteiras entre Estados, mas das próprias noções de guerra e paz, havendo um envolvimento latente de atores não-estatais (como guerrilhas, grupos insurgentes, organizações terroristas, etc.). Assim, características como a descentralização foram passadas da guerra de terceira geração para a de quarta geração, em um processo no qual o Estado perde seu domínio exclusivo sobre a condução da guerra propriamente dita, passando a reconhecer como inimigos organizações como a Al-Qaeda, o Hamas, o Hezbollah e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, entre outros.

Além disso, as guerras de quarta geração definem-se pela conexão dos seres humanos, armas, equipamentos e computadores. Nesse sentido, as características das guerras de quarta geração são muito importantes para a compreensão das potencialidades das guerras assimétricas na atualidade, as quais assumem várias vertentes, incluindo conflitos entre países em estágios tecnológicos diferentes, confrontos entre exércitos regulares e grupos paramilitares, bem como conflitos entre um Estado e uma organização não estatal. Nesse sentido, o que realmente diferencia a guerra assimétrica das convencionais é a utilização decisiva, em campo de batalha, de elementos não militares, como redes e pessoal civil desempenhando funções de controle, gerenciamento, guerrilhas, processamento de dados em tempo real, etc. Portanto, a guerra assimétrica e a guerra de quarta geração compartilham uma notável afinidade conceitual (Martins, 2006).

Dessa forma, as guerras assimétricas tratam da utilização de meios não militares a desempenhar funções de importância militar decisivas em um combate. O elemento que liga essas duas descrições da guerra e aponta para uma síntese é a digitalização da guerra, como podemos observar, por exemplo, em relação aos drones empregados na Guerra da Ucrânia. “No estrito senso da conduta da guerra, a digitalização significaria a capacitação através de computadores e redes de todos os armamentos e soldados, de maneira que todos saibam o que todos estão fazendo” (Duarte, 2012, p. 8).

Assim, a digitalização é o processo pelo qual informações são transmitidas de maneira analógica e armazenadas em formato digital. Nesse formato digital, qualquer imagem, observação de inimigos, som ou texto podem ser armazenados e processados por equipamentos devidamente projetados para fins relacionados à guerra (como, por exemplo, ocorre com muitos drones ucranianos). Isso tem um impacto significativo no processo de comando e controle em tempo real ao longo de um combate, e também afeta outras políticas públicas na esfera civil, como, por exemplo, na divulgação à mídia e em possíveis operações psicológicas. Nesse sentido, a guerra assimétrica e as guerras de quarta geração são, no momento, resultados da digitalização da informação, aplicada às considerações de defesa e segurança, ou seja, resultam das potenciais aplicações militares de elementos originalmente concebidos para objetivos não militares ou até mesmo domésticos (Martins, 2006).

As bases de informações sobre confrontos armados mostram que os conflitos tradicionais entre Estados estão se tornando cada vez mais raros. Ao mesmo tempo, os atritos irregulares e assimétricos adquiriram maior relevância a partir de 1945. As derrotas dos Estados Unidos no Vietnã (1965-1975) e da antiga União Soviética no Afeganistão (1979-89) também deixam claro que estratégias de terrorismo e de guerrilha ganham novos contornos. Ainda que esta modalidade de combate tenda a ser mais recorrente no mundo atual, junto vêm aspectos novos que necessitam de uma melhor análise, pois seria indevido abandonar completamente as capacidades convencionais de guerra ou prometer uma solução simples e vitoriosa para conflitos assimétricos, pois a natureza dos confrontos não-convencionais torna praticamente impossível que uma vitória seja rápida (Reis, 2017).

Por exemplo, em relação à guerra assimétrica e ao terrorismo contemporâneo, Lòpez (2018, p. 381) afirma que:

Alguns analistas concordam que o terrorismo é, acima de tudo, um modelo de guerra assimétrico utilizado por pequenos grupos com capacidade organizacional que não é suficiente para pensar na formação de grupos mais coesos ou sólidos como uma guerrilha. Desta forma, na base da formação de um grupo terrorista e do desenvolvimento das suas ações, existe um claro componente de assimetria que exige um elevado grau de clandestinização, por exemplo, para evitar ser atingido por forças estatais claramente superiores a ele.

A guerra assimétrica precisa de um nível mais elevado de inteligência que as guerras tradicionais, ou seja, precisa de mais análise e uma maior capacidade de disseminação de informações para responder a um sistema de comando mais flexível. Ela incorpora elementos de gerações de guerra anteriores, o que requer que as forças regulares estejam adequadamente preparadas para enfrentar essa complexidade e imprevistos do ator mais fraco no campo de

batalha. Nesse contexto, é de grande importância que os comandantes conduzam uma análise metódica do conflito que estão prestes a entrar, visto as inúmeras possibilidades de improvisação que o ator mais fraco pode empregar. Os comandantes devem pensar nas adaptações dos conceitos para a realidade vigente, pois, hoje em dia, a guerra assimétrica está cada vez mais complexa, visto as diferentes características de conflitos que se misturam e se sobrepõem, envolvendo questões políticas, econômicas, sociais, militares e de mídia (Silva, 2007).

A capacidade de se adaptar realiza um papel fundamental em uma campanha militar, porque a guerra, independentemente de ser assimétrica ou não, lida com a incerteza. Fazer alterações nas técnicas de combate para que sejam eficazes na guerra requer experimentação, estudo do terreno, treinamento e disseminação de informações. Essas ações fazem parte da natureza flexível que um combate requer (Silva, 2007). Por exemplo, a guerra na Ucrânia mostrou ao mundo como a tecnologia de drones é imprescindível contra um inimigo muito mais forte e apostando na mesma estratégia.

No caso da presente pesquisa, visando tornar a defesa de Taiwan mais móvel e difícil de ser atacada em uma possível guerra assimétrica, atualmente o governo da ilha asiática tem desenvolvido com expressividade a sua indústria de drones, com o intuito de enfrentar a China com algum grau de eficiência, visto que aquele país continental possui uma capacidade militar mais ampliada. Nesse sentido, Taiwan tem desenvolvido a “Equipe Nacional” para desenvolvimento de drones e o Instituto Nacional Chung-Shan de Ciência e Tecnologia (NCSIST) fez uma exibição dos seus últimos desenvolvimentos de drones de vigilância, como drones de combate (controlados por GPS), conforme será analisado mais à frente nessa pesquisa (Yamou, 2023).

Vale ressaltar que é grande a importância da logística militar na luta contra ameaças assimétricas, pois a esse elemento é fundamental para o sucesso das operações. A experiência mostra que a logística militar deve ser vista como uma prioridade estratégica e que é necessário um investimento maciço em infraestrutura, tecnologia e treinamento para melhorar a sua eficiência e a eficácia.

Também se destaca a importância da cooperação regional na luta contra ameaças assimétricas. Nesse sentido, é preciso atentar para as principais contribuições regionais para o confronto interestatal assimétrico e observar o fato de que a cooperação entre os países de determinada região é fundamental para enfrentar essas ameaças de forma eficaz, assim como a sua ausência pode agravar o cenário de crise.

Hurtado et. al. (2012) enfatiza-se, assim, que a cooperação regional pode ajudar a melhorar a interoperabilidade entre as forças militares dos países da região, permitindo que eles trabalhem juntos de forma mais eficaz. Os autores também argumentam que a cooperação regional pode ajudar a melhorar a inteligência e a partilha de informações, permitindo que os países de determinada região identifiquem e respondam mais rapidamente às ameaças assimétricas, e também possam melhorar a capacidade dos países da região em lidar com tais ameaças, fornecendo recursos e treinamento para melhorar a eficácia das forças militares. Além disso, os autores argumentam que a cooperação regional pode ajudar a melhorar a capacidade dos países da região de lidar com ameaças assimétricas, fornecendo recursos e treinamento para melhorar a eficácia das forças militares.

Em resumo, a guerra assimétrica é um tipo de conflito em que as partes envolvidas têm forças muito desiguais, com um ator muito mais forte que outro em praticamente todos os sentidos e a estratégia de guerra popular prolongada é frequentemente usada pelo ator mais fraco para desgastar o ator mais forte. Nesse sentido, os atores estatais também podem se utilizar de estratégias assimétricas para combater ameaças assimétricas.

## **1.2 Comparações entre o poderio tecnológico e militar de China e Taiwan**

Desde o início da Guerra da Ucrânia, as recentes tensões entre China e Taiwan também ganharam maior evidência, e os gastos desses governos com suas Forças Armadas têm sido foco de atenção. O Exército chinês tem aproximadamente dez vezes o número de militares que o Exército de Taiwan. Apesar de ser o maior exército do globo em numeral, o Exército chinês está atrás em recursos financeiros em comparação com os Estados Unidos. A China possui a maior população do mundo, com 1,4 bilhão de habitantes, tem um exército com mais de 2 milhões de militares, e, em contrapartida, Taiwan, tem 24 milhões de habitantes e pouco mais de 170 mil integrantes em seu exército (Exame, 2022).

Além de ter uma população muito numerosa, a China atualmente tem direcionado muitos recursos para o fortalecimento de suas forças armadas. Isso ocorre ao mesmo tempo em que sua economia também cresce, assumindo a colocação de segunda maior economia do mundo, com o grande objetivo de superar o Produto Interno Bruto estadunidense na próxima década. Atualmente, a China é o segundo país com os maiores gastos em Defesa, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. Em 2021, a China investiu mais de em suas Forças Armadas, porém, essa quantia está muito abaixo dos US\$ 800 bilhões de dólares que os Estados Unidos investem nas suas Forças Armadas. Estima-se que a China tenha



aproximadamente 300 ogivas nucleares, apesar desse numeral ser muito menor do que as 5 mil que os Estados Unidos possuem e muito menor do que as 6 mil da Rússia. Porém, essa quantidade de ogivas da China possui um enorme efeito dissuasório (Exame, 2022).

Considerando as grandes diferenças entre as Forças Armadas da China e de Taiwan, os assessores que atuam na defesa da ilha têm explorado a possibilidade de alterar suas estratégias militares. Por anos, o Exército de Taiwan foi treinado para uma estratégia de "reconquistar" a China continental, apesar dessa meta ter se tornado cada vez menos possível, especialmente após a década de 1970, quando a comunidade internacional começou a reconhecer o governo comunista na China e pelas diferenças de poderio muito evidentes entre as duas nações. No momento, a principal estratégia em Taiwan é mudar o foco de seus adestramentos e exercícios para a defesa da ilha, em caso de um confronto direto, incluindo o desenvolvimento de armamentos e equipamentos, a fim de neutralizar possíveis ataques aéreos chineses. (Exame, 2022).

Fazer uma comparação entre o poderio tecnológico e militar da China e da ilha de Taiwan é muito importante na geopolítica mundial, visto a dinâmica complexa entre essas duas nações, com políticas e interesses que divergem em tantos sentidos. Enquanto a China se tornou uma potência global em termos econômicos, tecnológicos e militares, Taiwan cresceu como uma próspera referência de democracia, e desenvolvida tecnologicamente, que a décadas vem enfrentando desafios significativos devido às pressões políticas e militares chinesas (Cinzento, 2022).

Em consonância com o crescimento da sua economia, a China investiu fortemente em inovação e tecnologia nas últimas décadas. Esse país está no centro da cadeia de suprimentos global de tecnologia e é um importante produtor e consumidor de eletrônicos. Além disso, a China tem realizado avanços consideráveis em áreas como inteligência artificial, tecnologia 5G, supercomputação e exploração espacial, demonstrando uma busca constante, comparando-se às nações mais desenvolvidas na vanguarda do mais alto poderio tecnológico mundial. Não por acaso, como forma de barrar o avanço chinês na área, os EUA têm intensificado seu discurso e empenho diplomático para excluir a presença da empresa chinesa Huawei na infraestrutura de redes de tecnologia 5G ao redor do mundo (Hirst; Maciel, 2020).

Taiwan, que é conhecida como a “Ilha do Silício”, assim como a China, também tem se destacado como um centro tecnológico vital na região Ásia-Pacífico. Taiwan é um dos maiores produtores mundiais de semicondutores, chips e produtos eletrônicos. Empresas taiwanesas desempenham um papel crucial nas cadeias de suprimentos globais de tecnologia, fornecendo componentes essenciais para uma ampla gama de indústrias em todo o mundo. A

tendência de crescimento da área de tecnologia em Taiwan tem sido fundamental para seu desenvolvimento econômico.

Taiwan, embora tenha uma área territorial relativamente pequena, sempre esteve preparado para ser reivindicado pela China e, por isso, mantém um moderno exército, marinha, força aérea e uma reserva bem treinada. Conta com o apoio militar dos Estados Unidos por meio do Ato de Relações com Taiwan, e recebe armamentos e equipamentos para fortalecer sua capacidade defensiva e dissuadir a China. No entanto, em termos quantitativos e em comparação com a China, como já foi dito, o poder militar de Taiwan é consideravelmente mais limitado. Um possível ataque da China a Taiwan, se bem feito, teria a capacidade de destruir, em questão de horas, mais da metade dos armamentos da ilha, tendo em vista a diferença de poderio militar entre ambos, conforme podemos notar na tabela abaixo:

Tabela 1 - Diferença de poderio militar entre China e Taiwan

<b>Categoria</b>	<b>China</b>	<b>Taiwan</b>
PIB (em trilhões de dólares)	Aproximadamente 14,3 (2021)	Aproximadamente 0,6 (2021)
Investimento nas Forças Armadas (em bilhões de dólares)	Aproximadamente 250 (2021)	Aproximadamente 12 (2021)
Quantidade de Militares Ativos	Cerca de 2,2 milhões (2021)	Cerca de 170.000 (2021)
Quantidade de Reservistas	Aproximadamente 510.000	Aproximadamente 1.657.000
Tanques	Cerca de 7.000 (2021)	Cerca de 1.000 (2021)
Aeronaves (incluindo categorias como caças, bombardeiros, etc.)	Mais de 3.000 (2021)	Cerca de 400 (2021)
Lança Míssel	Cerca de 9.834	Cerca de 2.093
Navios (incluindo fragatas, destróieres, etc.)	Mais de 350 (2021)	Cerca de 100 (2021)
Submarinos	Cerca de 70 (2021)	Cerca de 4 (2021)

Fonte: (Cinzento, 2022).

Visto a importância das duas nações para o mundo, a comparação entre o poderio tecnológico e militar da China e Taiwan não se resume apenas a questões bélicas, mas também levam em consideração as rivalidades políticas e o impacto para as suas inserções nas relações internacionais. A estabilidade na região depende da habilidade de ambos os países, a fim de procurar meios pacíficos para resolver seus problemas, enquanto a comunidade internacional, sob a influência especialmente dos Estados Unidos, observa atentamente a situação, demonstrando a importância que essa tensão e atenção que essa disputa atrai.

### 1.3 Implicações da presença estadunidense no conflito

Os Estados Unidos em relação a Taiwan, por conta de três tratados bilaterais, têm a disposição de cooperar com o povo da ilha, caso este sofra alguma agressão de fora. Conforme ressalta Gonçalves (2004, p. 189), “a posição dos Estados Unidos sobre a questão do Estreito de Taiwan baseia-se em três comunicados bilaterais (o *Shangai Communiqué* de 1972, o *Joint Communiqué* de 1979 e o *US-China Communiqué* de 1982)”.

Cinco acontecimentos principais marcam a política dos Estados Unidos com Taiwan na década de 1990. O primeiro foi caracterizado pela venda de inúmeros caças F-16 a Taiwan, com a China acusando os Estados Unidos de desrespeitar o *US-China Communiqué*, que proíbe os Estados Unidos de vender armas a Taiwan. O segundo foi a revisão política dos Estados Unidos relacionada a Taiwan, que levantou restrições a visitas de oficiais estadunidenses a entidades relacionadas ao governo chinês. O terceiro foi a recepção do presidente Lee Teng-hui, de Taiwan, em 1995, pois desde 1972 os Estados Unidos evitaram receber oficiais de alta patente de Taiwan, porém essa recepção à época foi vista muito mais como um sentimento anti-chinês por parte dos Estados Unidos do que por um sentimento pró-Taiwan. O quarto momento foi a Crise do Estreito de Taiwan que ocorreu em 1996, a qual foi desencadeada pela realização de exercícios militares da ilha de Taiwan no Estreito de Taiwan, levando a China a também realizar treinamentos, conduzir manobras navais e lançar mísseis de artilharia próximos à ilha. Os Estados Unidos intervieram com duas frotas navais para a região de forma a demonstrar um apoio público a Taiwan. Essa crise rendeu uma escalada das tensões na região, mas diminuiu com a reeleição do presidente taiwanês Lee Teng-hui e a retirada das manobras militares chinesas. O quinto momento foi a visita de Bill Clinton à China que, para surpresa de Taiwan, anunciou a política Sino-Americana dos três não, que diz: “nós não aceitamos a independência”, ou “duas Chinas” ou “uma China e um Taiwan” e “não acreditamos que Taiwan possa ser membro de qualquer organização internacional apenas composta por Estados” (Gonçalves, 2004).

Atualmente, o mundo está novamente diante da necessidade de fazer escolhas por governos autocráticos ou democráticos. China, Taiwan e Estados Unidos estão tendo problemas, principalmente perto do Estreito de Taiwan. O Estreito de Taiwan é o epicentro dessas tensões, em um possível conflito que pode ter proporções apocalípticas. O que está acontecendo é como um jogo de tabuleiro onde as peças são movidas estrategicamente. Nesse cenário, a China e os Estados Unidos são duas potências nucleares. Assim, o ápice de temor

frente a essa questão seria uma crise que levasse ao uso de armas nucleares, em caso de um conflito armado. Os Estados Unidos estão mostrando cada vez mais disposição em interferir nos problemas entre China e Taiwan. Isso ficou muito claro quando representantes do Congresso dos Estados Unidos, liderados por Nancy Pelosi, que está logo abaixo da vice-presidente Kamala Harris na ordem da sucessão presidencial norte-americana, foram visitar Taiwan em agosto de 2022 (Cavalcanti, 2022).

Após essa posição dos Estados Unidos, no âmbito das sanções comerciais, a China adotou medidas como a suspensão da exportação de areia natural e proibiu a importação de mais de 2000 das 3200 variedades de produtos alimentícios produzidos na Ilha de Taiwan. Esta mudança foi um importante marco, pois as sanções eram predominantemente direcionadas a produtos não processados. No cenário atual, também foram criadas sanções para alimentos processados, que são mais caros. É válido acrescentar que, embora estas ações tenham sido tomadas, o impacto macroeconômico ainda não é muito grande, mas isso é um exemplo de como a situação de tensão pode escalonar a níveis mais prejudiciais. Além dos aspectos econômicos, é fundamental reconhecer o contexto político subjacente a essas sanções. Embora o impacto econômico ainda não seja tão elevado, as ações da China em relação a sanções, caso os Estados Unidos continuem interferindo nas suas relações com Taiwan, têm o potencial de prejudicar grandemente a ilha. Dessa forma, a influência estadunidense no campo político se entrelaça com o aspecto econômico entre China e Taiwan, com grande possibilidade de ampliação e de alcance de sua influência em possíveis sanções (Financial Times, 2022).

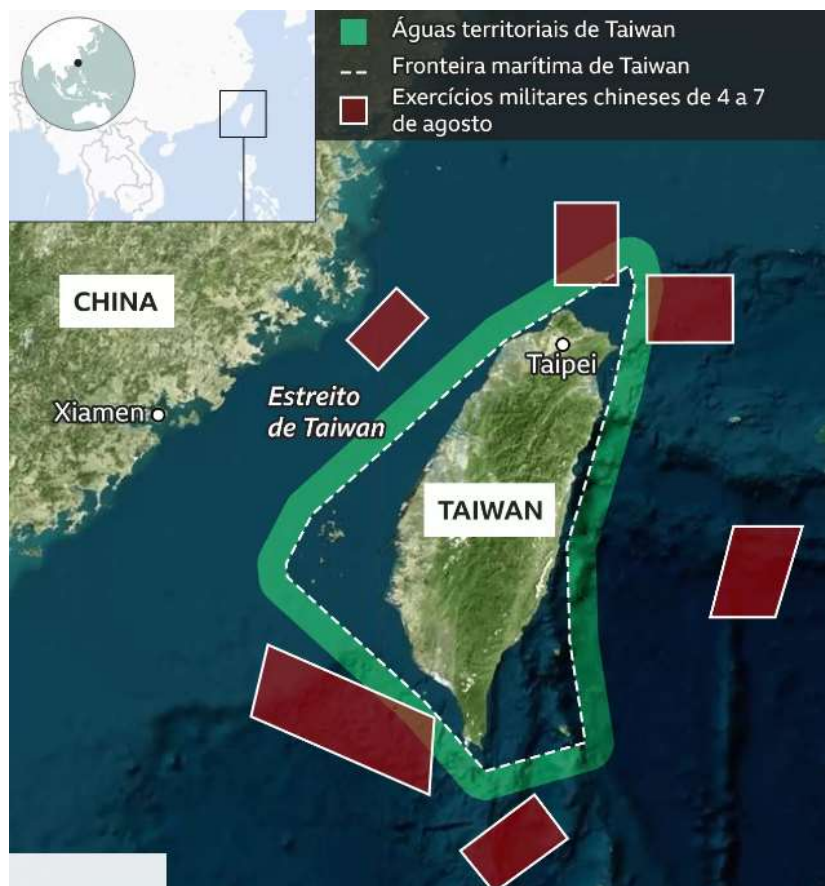
O período de término da Guerra Fria teve como resultado a diminuição da importância estratégica de Taiwan como parceiro de segurança, naquele período, enquanto elevou-se o status da China como parceiro econômico devido ao seu rápido crescimento nos anos seguintes. Embora seja claro que os Estados Unidos se beneficiem mais ao manter relações com Pequim em vez de Taipei, abandonar Taiwan de forma simbólica pode prejudicar a credibilidade estadunidense com seus principais aliados na região, como o Japão e a Coreia do Sul, por exemplo. Além disso, estrategistas estadunidenses argumentam que a estabilidade na região depende em grande parte da presença dos Estados Unidos, que estabelecem um equilíbrio de poder regional e tranquilizam seus aliados, que não acreditam nas falas chinesas de ascensão pacífica. A presença dos Estados Unidos no leste da Ásia não tem como objetivo obstruir os planos de reunificação da China ou impedir seu crescimento, mas sim dissuadir um conflito armado e incentivar a China a buscar seus objetivos de forma pacífica e através de negociações, conforme defendido por Washington (Bergsten, 2009).

A mais significativa representante política dos Estados Unidos a visitar Taiwan nas últimas décadas, chegou à ilha em 2 de agosto de 2022, após se reunir com líderes locais em Taipei. Essa visita desencadeou a indignação de Pequim, que expressou sua oposição à presença da representante Nancy Pelosi na ilha, pois entende tal fato com uma posição de apoio dos Estados Unidos ao regime de Taiwan. Em resposta à viagem, o governo chinês anunciou a realização do que descreveu como exercícios militares "necessários e justificados" em águas situadas a aproximadamente 16 quilômetros de Taiwan. Esses exercícios, que tiveram início em 4 de agosto de 2022 e duraram cinco dias, afetaram algumas das rotas marítimas mais movimentadas do mundo e incluíram disparos com munição real de longo alcance. O Ministério da Defesa da China reconheceu a possibilidade de alguns exercícios se aproximarem das águas territoriais de Taiwan e autoridades taiwanesas afirmaram que navios e aeronaves chinesas não haviam invadido suas águas territoriais durante os exercícios realizados até o momento. O ministro das Relações Exteriores da China, Wang Yi, acusou os Estados Unidos de "violarem a soberania da China sob o pretexto da chamada democracia" e comparou a visita de Pelosi a "brincar com fogo", advertindo que "aqueles que brincam com fogo perecerão por ele". A presidente de Taiwan, Tsai Ing-wen, destacou que o país está enfrentando "ameaças militares deliberadamente intensificadas". Entretanto, a questão central é se os Estados Unidos e a China estão à beira de um conflito militar. Taiwan, que se considera uma nação soberana, é historicamente reivindicada pela China. Por outro lado, a China a considera uma província "rebelde". Simultaneamente, a ilha conta com os Estados Unidos como seu principal aliado, respaldados por uma lei estadunidense que determina que Washington deve ajudar Taiwan a se defender em caso de ataque de outra nação (BBC, 2022).

A intensificação das tensões entre Pequim e Washington ocorre em um momento em que a China está aumentando o número de aeronaves de combate em direção à zona de defesa aérea de Taiwan, ao mesmo tempo em que os Estados Unidos estão movimentando suas embarcações de guerra nas proximidades da ilha. A demonstração de apoio americano a Taiwan, demonstrada pela visita de Pelosi, provocou as reações mais enérgicas e hostis da China em relação a Taiwan nos últimos tempos. Além das manobras militares supracitadas, o governo chinês convocou o embaixador dos Estados Unidos, Nicholas Burns, e expressou um protesto veemente contra a viagem, conforme relatado pela agência de notícias chinesa Xinhua. Houve especulações por parte de alguns analistas de que essa visita poderia levar a China a fornecer armamentos à Rússia para uso na Ucrânia, algo que até agora o país havia se recusado a fazer. O grande receio é que um conflito possa eclodir com a China lançando uma

invasão em Taiwan, já que o governo de Pequim mencionou anteriormente a possibilidade de retomar a ilha pela força, se necessário (BBC, 2022).

Figura 1 – Exercícios da China próximos a Taiwan em 2022



Fonte: (BBC, 2022).

Há um debate entre analistas sobre se a China possui a capacidade militar para conquistar Taiwan. A ilha tem fortalecido significativamente suas defesas aéreas e marítimas. No entanto, muitos concordam que até mesmo Pequim reconhece que tal ação seria custosa, não apenas para a China, mas também para o restante do mundo. A maior parte dos taiwaneses respalda essa abordagem, conhecida como "manter o status quo", embora haja quem deseje buscar a independência. Da mesma forma, embora os Estados Unidos causem um efeito dissuasório na China, também afirmam que não apoiam a independência de Taiwan, nem desejam "uma nova Guerra Fria" (BBC, 2022).

Diante da compreensão do conceito de guerra assimétrica e do contexto mais geral da tensão entre China e Taiwan nos anos mais recentes, de forma vinculada aos desafios geopolíticos da região (o que demonstra a aplicação da concepção de assimetria ao referido

caso), além da influência dos EUA nessa questão, no próximo capítulo serão analisadas as raízes históricas dessa disputa.

## CAPÍTULO 2. A QUESTÃO HISTÓRICA ENTRE CHINA E TAIWAN

### 2.1 Raízes Históricas da Disputa

Conforme abordado no capítulo anterior, Pequim quer unificar a China e a Ilha de Taiwan, que ainda é vista como território chinês, e se necessário usando a força. Porém, Taipé se recusa a ceder e expressa querer garantir a sua soberania. Nesse sentido, antes de conhecer os problemas daquela região, é de grande importância analisar os atores principais e como suas formas de pensar e interesses deram início na relação conflituosa entre a Ilha de Taiwan e a China, sendo eles: Chiang Kai-Chek, Sun Yat-Sen, e Mao Tsé-Tung.

Sun Yat-Sen, que se tornou líder do governo provisório, é venerado pelos chineses e taiwaneses como o "pai da nação". Médico que residiu no Havaí e Hong Kong, experimentou grande parte de sua vida no exílio. Inspirado por princípios republicanos, tentou derrubar a dinastia Qing em duas ocasiões. Na primeira tentativa, em 1895, falhou e foi condenado ao exílio, o que aproveitou para viajar durante dezenove anos pela Europa, Estados Unidos e Canadá, angariando fundos e apoio político para a causa republicana chinesa (Encyclopædia Britannica, 2023).

Foi um grande pensador e defensor de destaque da República chinesa, independentemente de ser uma China capitalista ou comunista, tornando-se um estadista, político e líder da revolução naquele país. No ano de 1911, foi influente Sun Yat-Sen quando se iniciou a Revolução de Xinhai, que marcou a queda da dinastia Qing, que governou a China por mais de 250 anos, e instaurou, em 1912, a República da China. Tal movimento foi motivado pelo excesso de corrupção e enfraquecimento da dinastia, descontentamento popular e influência das ideias revolucionárias e reformistas que se enraizaram naquele país (Encyclopædia Britannica, 2023).

Já Chiang Kai-Chek é conhecido por sua liderança do Partido Nacionalista Chinês, também conhecido como KMT, durante um período crítico da história do país, tendo governado a China entre 1928 e 1949. Grande líder militar chinês que assumiu o governo após Sun Yat-Sen, enfrentou um sistema semi-feudal e senhores da guerra, e correu o risco da ameaçada de expansão dos pensamentos afeitos aos comunistas. Foi exilado em Taiwan em 1949 após sua derrota para o movimento revolucionário maoísta. Destaca-se que Chiang Kai-Chek é uma pessoa que até hoje gera muita controversa na história chinesa, sendo lembrado como um nacionalista que lutou contra o domínio estrangeiro e as forças comunistas, da mesma forma que é visto como um líder autoritário que governou Taiwan por 26 anos (Encyclopædia Britannica, 2023).



Por fim, Mao Tsé-Tung foi um homem revolucionário de grande importância na história da China moderna, que desempenhou um papel fundamental na formação da República Popular da China e na história do século XX, sendo responsável, por exemplo, por estratégias de guerrilha a fim de conquistar o poder no país. Ele assumiu o cargo de presidente da República Popular da China em outubro de 1949, quando o Partido Comunista Chinês (PCC) declarou a fundação da nova República Popular, após vencer a Guerra Civil Chinesa. Mao permaneceu no poder até sua morte em setembro de 1976, governando o país por aproximadamente 27 anos. Ele difundiu ideias comunistas nas camadas mais pobres da sociedade chinesa, especialmente por meio do que denominou como Revolução Cultural. No entanto, as políticas de Mao também resultaram em consequências negativas significativas, incluindo fomes em massa e perseguições políticas que levaram à morte e ao sofrimento de milhões de pessoas. Apesar disso, Mao continua sendo uma figura controversa na história da China, sendo celebrado por alguns por sua liderança na revolução, enquanto por outros é responsabilizado pelas tragédias humanas ocorridas durante seu regime (Encyclopædia Britannica, 2023).

Tendo em vista o perfil desses três líderes, é possível compreender alguns elementos que determinaram o destino da China a partir de 1911, quando a Revolução de Xinhai eclodiu e destituiu a dinastia Qing. Nesse cenário, Sun Yat-Sen voltou para a China, onde foi designado presidente do governo provisório. O ano de 1912 marcou a fundação do Partido Nacionalista Chinês (KMT) e, nesse mesmo ano, Sun Yat-Sen renunciou ao cargo de presidente da China, promovendo ao cargo o General Yuan Shi-Kai, para que ele unificasse a China novamente. Contudo, Yuan Shi-Kai se mostrou como um tirano com aspirações monárquicas. Ele rapidamente instaurou um governo autocrático, perseguiu opositores, dissolveu o Congresso e, em 1913, forçou Sun Yat-Sen a se retirar do governo.

O governo de Yuan Shi-Kai, durou três anos. Em 1915, ele se proclamou imperador, implantando o tipo de governo que ele mesmo ajudou a derrubar. Porém, ele ficou pouco tempo no poder, Yuan Shi-Kai falhou em suas tentativas de reunificar a China e reinstaurar o sistema monárquico no país e abdicou do poder após tentativas de permanecer no poder de forma autoritária, o que motivou reações negativas da população e de outros líderes políticos. Como consequência, Yuan Shi-kai renunciou ao poder em março de 1916.

Nesse período, as disparidades entre as regiões Sul e Norte da China acentuaram-se, por muitos anos obstruindo a ideia de reunificação chinesa. As províncias do norte eram regidas por agricultores com exércitos privados ou outras entidades que exerciam um controle paralelo ao Estado sobre uma parcela substancial do território chinês. Seus poderes e forças

armadas prosperaram durante o governo de Shi-Kai e perduraram até 1928, um período conhecido na história chinesa como a Era dos Senhores da Guerra (Biblioteca Portuguesa, 2010).

No ano de 1921, foram feitas novas eleições, e Sun Yat-Sen foi eleito novamente. Nesse ínterim, o Partido Comunista Chinês emergiu sob a liderança de Li-Ta Chao, Chu Teh e Mao Tsé-Tung. Em 1924, o KMT e o Partido Comunista, ambos com uma quantidade considerável de apoiadores, uniram forças para enfrentar os senhores da guerra na China. Com o apoio da União Soviética e liderados na China pelo KMT, comunistas e nacionalistas se juntaram para formarem a Primeira Frente Unida, com o propósito de confrontar esses "*warlords*".

Em 1925, Chiang Kai-Chek assumiu a liderança do país e continuou o esforço para eliminar os chamados senhores da guerra. Durante a Frente Unida, os comunistas disseminaram seus ideais em áreas que ainda não haviam alcançado, aumentando sua base de apoiadores. Isso desencadeou a indignação de Kai-Chek, que ordenou a perseguição aos comunistas, o que culminou no expurgo em grande escala dos comunistas, conhecido como Massacre de Xangai, em 1927, ocorrido durante o período da Frente Unida (Encyclopædia Britannica, 2023).

Em 1934, deu-se início à Grande Marcha da China. O exército nacionalista ficou dividido entre as invasões japonesas e a luta contra o exército vermelho liderado por Mao. Enquanto a guerra civil prosseguia, uma segunda Frente Unida emergiu, unindo nacionalistas e comunistas com o objetivo de expulsar os japoneses da Manchúria. Novamente, foram os nacionalistas quem dirigiram a campanha.

A derrota iminente de Chiang Kai-Chek era inegável, mas o horizonte permanecia incerto. Em pouco mais de seis meses, o Exército Vermelho conquistou cidades e rotas comerciais de grande importância. Até então, os comunistas governavam apenas áreas rurais de escasso peso político, distantes da capital (Encyclopædia Britannica, 2023).

Em 1949, após mais de uma década de combates, os comunistas conquistaram Pequim, e os membros do KMT, que tinham governado o país até então, tiveram que se refugiar na ilha de Taiwan, onde estabeleceram o governo da República da China. Até a década de 1970, inclusive, eram reconhecidos em âmbito internacional como o governo soberano da China (Macfarquhar, 2006).

Vale ressaltar que a presença dos japoneses durante esse período desempenhou um papel importante na vitória dos comunistas sobre os nacionalistas, visto que os nacionalistas possuíam uma vantagem numérica sobre os comunistas. Isso porque a estratégia de dividir o

exército em dois fronts de batalha não produziu os resultados esperados por Chiang Kai-Chek (Macfarquhar, 2006).

Durante a Grande Marcha da China cerca de 80 mil homens morreram devido a muitas causas, como por exemplo: fome, doenças e ferimentos resultantes dos combates (Biblioteca Portuguesa, 2010). Em contraste com o apoio popular conquistado pelos comunistas, o KMT obteve o respaldo estadunidense durante sua ascensão internacional, até que a China interveio e reivindicou a soberania sobre a ilha de Taiwan (Macfarquhar, 2006).

Em 1951, o Japão assinou o Tratado de São Francisco, no qual renunciou às ilhas de Taiwan e Penghu (Pescadores), que estiveram sob seu domínio desde 1895. Contudo, o tratado não especificou se as ilhas seriam anexadas ao território chinês. Já se passavam dois anos que o KMT governava a República da China em Taiwan quando o tratado foi assinado. A condição de um governo foi estabelecida antes da assinatura do tratado e gerou confusão sobre a soberania chinesa em relação à ilha (ONU, 1951). Ao longo dos anos, o KMT nutriu a esperança de recuperar o antigo território continental da República da China, mas essa percepção mudou com o tempo e foi se tornando cada vez mais distante.

Para os comunistas que emergiram vitoriosos na contenda, após recuperar o domínio de Macau e Hong Kong, Taiwan representava a fase derradeira da Guerra Civil e o passo definitivo na restauração da integridade territorial do imenso país asiático, que havia sido abalada desde meados do século XIX, quando se inaugurou o denominado "século de humilhações" (Bergsten, 2009).

O "século de humilhações" se refere ao período compreendido entre 1842 e 1949, durante o qual a China sofreu derrotas em várias guerras contra o imperialismo ocidental e japonês, e teve parte de sua soberania comprometida por meio dos "tratados desiguais", que tiveram início após a Primeira Guerra do Ópio, travada com a Inglaterra entre 1839 e 1842. Os comunistas consideram que essa época de decadência nacional chegou ao fim com sua ascensão ao poder em 1949, liderados por Mao Tsé-Tung (Garon, 2016).

Desde esse período, quando houve a fuga dos nacionalistas para a ilha, o líder do KMT, Chiang Kai-shek, manteve a República da China, em Taiwan, com explícita rigidez. Não por acaso, o KMT manteve o governo sob lei marcial de 1949 a 1987, quando, na década de 1980 seu filho, Chiang Ching-kuo, cedeu e deu margem para a ascensão da democracia em Taiwan. Dessa forma, as primeiras eleições legislativas aconteceram apenas em 1992, sendo que a primeira eleição presidencial ocorreu somente em 1996 (DW, 2023).

Do ponto de vista da segurança nacional, os líderes chineses percebem a localização de Taiwan como uma situação perigosa, devido à sua proximidade com a China continental e

ao seu significado estratégico na região. Nesse contexto, a relação entre os Estados Unidos e Taiwan se fortaleceu durante a Guerra Fria, quando Washington começou a estabelecer bases na ilha, fortalecendo o governo taiwanês. A ameaça à soberania de Pequim na região foi o fator motivador para que o Partido Comunista Chinês investisse cada vez mais em suas forças armadas.

O governo da China considera Taiwan como uma província separatista, embora a veja como uma parte inseparável da China. Por outro lado, as autoridades em Taipé negam essa classificação. Taiwan é governada por líderes democraticamente eleitos, possui sua própria Constituição e mantém Forças Armadas independentes. Por entender que Taiwan é uma província rebelde, a China quer, mesmo que seja com o uso da força, reunificar a ilha ao continente. Taiwan, entretanto, se considera soberana não apenas por conta de sua Constituição, Forças Armadas e política próprias, mas também pelo fato de que a maior parte da população não deseja uma unificação com a China.

## **2.2 As reivindicações chinesas**

Quando se tem em mente o período conhecido como o "Século de Humilhação", é essencial compreender a natureza desse momento histórico para entender o nacionalismo chinês e a formação de sua identidade nacional no decorrer do século XX. Esse período histórico exerce uma influência significativa na autopercepção dos chineses e na maneira como o país interage com as nações ocidentais. A expressão "Século de Humilhação" é uma descrição empregada por alguns acadêmicos e líderes políticos chineses para narrar o período histórico da China que vai de meados do século XIX até meados do século XX, conforme apontado no tópico anterior. Geralmente, esse período é considerado como tendo começado na Guerra do Ópio, que resultou em um caos político na China.

A Guerra do Ópio consistiu em uma série de conflitos entre a China, governada pela Dinastia Qing, e várias potências ocidentais, especialmente o Reino Unido. O principal objetivo desse conflito era assegurar a continuidade do comércio de ópio na China, um comércio que, na prática, funcionava como uma forma de "diplomacia das canhoneiras".<sup>1</sup> Como resultado desses conflitos, as autoridades chinesas foram enfraquecidas e o país se viu

---

<sup>1</sup> Diplomacia das canhoneiras refere-se à estratégia de política externa de angariar os resultados esperados com o auxílio de demonstrações de poderio militar, podendo implicar em uma ameaça direta de guerra, caso os termos desejados não agradem à força superior.

dividido diante dos impérios ocidentais, marcando o início do que ficou também conhecido como o "Século de Vergonha Nacional" (Pereira, 2022).

Este período histórico é descrito como um "quadro narrativo" utilizado por alguns estudiosos e políticos chineses para descrever a história e percalços da China desde meados do século XIX até meados do século XX. Não obstante, mesmo sendo uma história dolorosa, marcada por vários revezes, a concepção de um "Século de Humilhação Nacional" tornou-se amplamente empregada para representar a essência do patriotismo chinês, com o objetivo de mobilizar os cidadãos a partir dos entevos históricos enfrentados pelo país (Pereira, 2022).

Considerando que a China é uma civilização milenar que rotineiramente se baseia em sua história e sólidas tradições culturais para moldar políticas e estratégias atuais, a análise desse contexto histórico é fundamental para uma compreensão mais profunda da nação chinesa. Esse contexto histórico desempenha um papel fundamental na formação da identidade nacional e na compreensão das políticas e estratégias do país contemporaneamente (Pereira, 2022).

Nota-se que esse termo teve origem em meio ao referido período, durante o momento em que o nacionalismo chinês estava em ascensão, por volta de 1915, e posteriormente foi adotado com frequência pelo Partido Comunista da China como um conceito para resumir os eventos humilhantes da história chinesa. Dessa forma, o objetivo era, conforme destacado acima, lembrar o povo chinês da vergonha nacional, fortalecer a nação e evitar a repetição de tragédias históricas. (Zhou, 2021)

Para a China, Taiwan se mostra como o último estágio na superação do que é conhecido como o "século de humilhação", demonstrando a importância de revisitação desse momento histórico e dos seus reflexos para compreensão da perspectiva chinesa sobre aquela região. Segundo afirmou o General Li Jijun, do Exército de Libertação Popular (ELP), em 1997:

Antes de 1949, quando a República Popular da China foi estabelecida, mais de 1.000 tratados e acordos, a maioria dos quais desiguais nos seus termos, foram impostos à China pelas potências ocidentais. Cerca de 1,8 milhões de quilômetros quadrados também foram retirados do território chinês. Este foi um período de humilhação que os chineses nunca poderão esquecer. É por isso que o povo da China demonstra emoções tão fortes em questões relativas à nossa independência nacional, unidade, integridade do território e soberania. É também por isso que os chineses estão tão determinados a protegê-los em quaisquer circunstâncias e a todo custo. (apud Kane, 2014, tradução nossa).<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup>Original: Before 1949, when the People's Republic of China was established, more than 1,000 treaties and agreements, most of which were unequal in their terms, were forced upon China by the Western powers. As many as 1.8 million square kilometers were also taken away from Chinese territory. This was a period of

O término desse período de "humilhação" é associado à vitória na década de 1940, durante a Guerra de Resistência e o estabelecimento da República Popular da China. Fica evidente que a unidade, a retomada da integridade territorial chinesa e a soberania são valores enraizados no povo chinês, e Taiwan representa um marco muito importante a ser conquistado para a plena superação do "século de humilhação".

De forma coadunada a essa meta, o princípio da "Única China" é amplamente aceito pela comunidade internacional como uma norma fundamental nas relações internacionais. Ele estabelece que existe apenas uma única entidade chinesa no mundo, e Taiwan é considerada uma parte inseparável do território chinês e uma província rebelde. Segundo a China, o único governo legítimo que representa toda a nação chinesa é o Governo da República Popular da China, uma realidade que foi devidamente reconhecida pela Resolução 2.758 da Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1971 (Yuqing, 2022).

O princípio da "Única China" é o cerne efetivamente essencial dos três acordos conjuntos entre a China e os Estados Unidos, e serve como base e fundamento para o estabelecimento e progresso das relações diplomáticas entre essas duas nações. Em 1979, no Comunicado Conjunto sobre o Estabelecimento das Relações Diplomáticas China-EUA, os Estados Unidos comprometeram-se de forma inequívoca a reconhecer que "o Governo da República Popular da China é o único governo legítimo da China". Porém, neste contexto, os cidadãos dos Estados Unidos continuaram a manter relações culturais, comerciais e outras formas de relacionamento não oficiais com o povo de Taiwan. Devido à intensa pressão de Pequim, que exige o reconhecimento do princípio de "Uma Só China", apenas 15 países, como o Paraguai, mantêm relações diplomáticas formais com Taiwan, e, como resultado, não têm laços com a China. Cerca de 50 nações mantêm relações não oficiais com Taiwan. Em vez de possuírem embaixadas, mantêm escritórios informais em Taipé, adotando uma postura de ambiguidade estratégica que lhes permitem manter relações com a China continental (Yuqing, 2022)

Nesse sentido, a China acredita que os Estados Unidos não estão cumprindo suas promessas e têm desafiado constantemente os limites estabelecidos pela China e pelo acordo que existe entre as duas nações. Assim, a questão de Taiwan representa o ponto central e mais crítico nas relações entre ambos os países. Atualmente, o Estreito de Taiwan enfrenta uma

---

humiliation that the Chinese can never forget. This is why the people of China show such strong emotions in matters concerning our national independence, unity, integrity of territory and sovereignty. This is also why the Chinese are so determined to safeguard them under any circumstances and at all costs.

nova onda de tensões e desafios significativos, principalmente devido à mudança constante do status quo por parte das autoridades em Taiwan e dos Estados Unidos, conforme destacado no capítulo 1 (Yuqing, 2022).

A visita da presidente Nancy Pelosi e suas atividades em Taiwan são vistas como uma provocação política grave, que intensifica ainda mais as relações oficiais dos Estados Unidos com Taiwan. Conforme exposto no primeiro capítulo, a China rejeita veementemente essa ação, e o povo chinês também se opõe firmemente a ela. Todavia, é fato que as autoridades em Taiwan buscam a independência, com o apoio dos Estados Unidos, recusando-se a reconhecer o Consenso de 1992. Enquanto isso, os Estados Unidos mantêm sua intenção de usar Taiwan como uma forma de conter a China, minando o princípio da "Única China" e promovendo intercâmbios oficiais com Taiwan, respaldando assim as atividades separatistas em prol da independência da ilha, demonstrando como as relações de poder e a luta por uma posição mais hegemônica atravessam essa questão (Yuqing, 2022).

Fato é que a determinação do governo e do povo chinês em preservar a soberania nacional e a integridade territorial é inabalável, e a posição em relação à questão de Taiwan é constante. A defesa da soberania e integridade é o desejo firme de mais de 1,4 bilhão de cidadãos chineses. A busca pela reunificação total é vista como um objetivo compartilhado e uma nobre responsabilidade de todos os compatriotas chineses. A vontade do povo é apresentada como incontestável e, assim, as correntes da história não poderiam ser revertidas (Yuqing, 2022).

Segundo Yuqing (2022), nenhum país, entidade ou indivíduo deve subestimar erroneamente a resolução firme, a vontade inabalável e a capacidade notável do governo e do povo chinês de proteger a soberania nacional, a integridade territorial, e de alcançar a reunificação e o renascimento da nação chinesa. A China já adotou e continuará a adotar todas as medidas necessárias para defender resolutamente a soberania e a integridade territorial em resposta, por exemplo, à visita da presidente Nancy Pelosi. Quaisquer consequências decorrentes poderiam, inclusive, ser atribuídas à responsabilidade dos Estados Unidos e das forças separatistas que buscam a independência de Taiwan.

Líderes de governos e partidos de várias partes do mundo se posicionaram contra a visita de Nancy Pelosi a Taiwan. A presidente nacional do Partido Comunista do Brasil, Luciana Santos, por exemplo, enfatizou que "a visita de Nancy Pelosi a Taiwan é uma clara violação dos compromissos estabelecidos nos três comunicados conjuntos entre os dois países. Taiwan é considerada parte inseparável desde tempos antigos". Ela também rejeitou categoricamente as ameaças dos Estados Unidos à paz global (Yuqing, 2022).

A China é um parceiro estratégico integral do Brasil e valoriza profundamente a amizade sino-brasileira, além de dar grande importância ao desenvolvimento das relações bilaterais. O Brasil também adere ao princípio de "Uma Só China", uma postura que a China aprecia, e ambos estão comprometidos com algumas pautas comuns em relação a preservar a paz global, a estabilidade regional e o desenvolvimento global.

Visto todos os argumentos referentes aos requerimentos da China em relação ao território de Taiwan e levando-se em conta a segurança nacional da China, considera-se muito perigoso o fato de Taiwan estar sob a influência dos Estados Unidos, pois no período que esteve sob responsabilidade japonesa, Taiwan era considerada um “porta-aviões indestrutível”, além do que, durante a Guerra Fria, os Estados Unidos estiveram presente na ilha com suas bases (Santos, 2020). Dessa forma, há grande preocupação para a estabilidade regional e internacional em relação aos usos estratégicos que podem ser mobilizados por diferentes potências em relação àquela ilha, especialmente no que tange aos interesses estratégicos estadunidenses.

### **2.3 A questão da soberania de Taiwan e a busca do reconhecimento internacional**

A questão de Taiwan teve início após a vitória da Revolução Chinesa em 1949, quando o governo liderado por Chiang Kai-shek foi derrubado, e o governo socialista de Mao Tsé-Tung foi estabelecido na China continental. Conforme exposto anteriormente, Chiang Kai-shek, que havia governado a China desde 1927, refugiou-se na ilha de Taiwan, também conhecida como Formosa, junto com seu Estado Maior e cerca de 2 milhões de chineses. Taiwan está localizada a 130 km da costa da China continental e é separada por um estreito que leva o mesmo nome (Mendonça, 2022).

Na ilha de Taiwan, um governo autônomo foi estabelecido com o apoio dos Estados Unidos. A partir desse momento, a China ficou dividida em dois territórios distintos: a República Popular da China (na parte continental) e a China Nacionalista, também conhecida como Taiwan (na parte insular). Essas duas entidades representaram, em alguns termos e durante um certo período, a bipolaridade que caracterizava a Guerra Fria. A China Popular inicialmente aliou-se à União Soviética até 1960 e depois traçou seu próprio caminho. Desde então, as duas Chinas mantêm uma relação hostil, e inclusive ocorreram conflitos armados nos primeiros anos de sua divisão (Mendonça, 2022).

No entanto, conforme já exposto, a China Nacionalista conseguiu preservar sua existência fortalecendo seus laços com os Estados Unidos. Em 1954, os EUA e Taiwan



assinaram um acordo de defesa mútua, após um intenso bombardeio do estreito de Formosa pela República Popular da China no mesmo ano. Desde a década de 1970, Taiwan tem se destacado na economia global devido ao seu notável desempenho. Juntamente com outros três países do Pacífico - Coréia do Sul, Hong Kong e Cingapura - formou o grupo dos primeiros "tigres asiáticos". Esses países ganharam esse apelido devido ao salto significativo em seu crescimento econômico, com taxas excepcionais, e uma estratégia competitiva de expansão nos mercados internacionais. Os taiwaneses conseguiram alcançar um padrão de vida próximo ao dos países desenvolvidos, o que contrasta com a situação difícil de parte da população na China continental (Mendonça, 2022).

Entretanto, do ponto de vista geopolítico, Taiwan sofreu uma série de derrotas. Em 1971, perdeu sua representação na ONU para a República Popular da China. Em 1979, os Estados Unidos mudaram sua embaixada de Taipé, a capital de Taiwan, para Pequim, a capital da China Popular, ao restabelecer relações diplomáticas com o país socialista. No mesmo ano, os EUA também revogaram o Tratado de Defesa que mantinham com a ilha e retiraram sua base militar de Taiwan. Apesar desses acontecimentos, o governo de Taiwan continuou a contar com o compromisso de apoio e proteção militar dos Estados Unidos. Chiang Kai-Shek, líder do Partido Nacionalista (Kuomintang), exerceu o controle ditatorial sobre Taiwan até o ano de 1975. Mesmo após a sua morte nesse mesmo ano, a ilha permaneceu sob o domínio do Kuomintang. Conforme exposto anteriormente, foi somente na década de 1990 que o país iniciou um processo de democratização, o que possibilitou a emergência de outras forças políticas (Mendonça, 2022).

Em 2000, o Partido Democrático Progressista (PDP) chegou ao poder por meio de eleições democráticas, com Chen Shui-bian como seu líder. O PDP sempre manifestou uma posição favorável à independência em relação à China Popular, o que angariou o apoio da maioria da população taiwanesa e levou à reeleição de Chen em 2004. Atualmente, Taiwan possui um governo eleito democraticamente, instituições independentes, sua própria moeda nacional, forças armadas, participação ativa no comércio internacional e é membro da APEC (Cooperação Econômica Ásia-Pacífico). Em termos práticos, em diversas dimensões opera como um Estado soberano, no entanto, não recebe reconhecimento da ONU, das principais organizações internacionais e de diversos países. Tanto é que atualmente mantém relações diplomáticas formais com apenas 26 países (Mendonça, 2022).

A atual presidente de Taiwan, Tsai Ing-wen, declarou que não está disposta a fazer concessões em relação à soberania da ilha, porém, está aberta a colaborar com a China para encontrar soluções mutuamente aceitáveis que possam manter a paz no Estreito de Taiwan.

Sobre um possível conflito armado, Tsai Ing-wen afirma que recorrer à guerra não deveria ser a opção para as relações através do Estreito.

Em seu discurso no Dia Nacional de Taiwan, a presidente da ilha enfatizou que o consenso do povo taiwanês é proteger a soberania da ilha e seu estilo de vida livre e democrático, para a sua população de 23 milhões de pessoas. Ela reforçou que não há espaço para ceder nessa questão, especialmente em um momento de crescentes tensões entre Taipei e Pequim. Embora ambos os lados tenham sido governados de forma separada por mais de 70 anos, o Partido Comunista da China continua a reivindicar a ilha como parte de seu território, mesmo sem ter exercido controle sobre ela. Conforme exposto anteriormente, a China insiste que a "reunificação" entre a China e Taiwan é inevitável e não excluiu o uso da força. Porém Taiwan busca uma alternativa para resolver as diferenças de forma pacífica (Cheung, 2022).

Nos últimos anos, a República Popular da China tem demonstrado de maneira evidente seu compromisso com o objetivo de reunificação. Desde a década de 1990, tem conduzido exercícios militares no Estreito de Taiwan como forma de reforçar sua determinação em evitar qualquer movimento em direção à independência. Em busca de uma solução pacífica, Pequim propõe o conceito de "um país, dois sistemas", onde o sistema socialista seria aplicado no continente, enquanto Taiwan manteria seu sistema capitalista. Teoricamente, isso permitiria a Taiwan manter suas políticas econômicas e instituições com certo grau de autonomia (Mendonça, 2022).

Por outro lado, o atual governo de Taiwan evita declarar publicamente a independência ou tomar medidas contra a reunificação com a China continental. No entanto, enfatiza que qualquer decisão nesse sentido deve ser tomada através de um processo democrático e livre, com a participação dos 23 milhões de habitantes da ilha, muitos dos quais simpatizam com a ideia separatista. Nesse sentido, a perspectiva de uma China unificada no futuro deveria resultar de negociações realizadas em pé de igualdade (Mendonça, 2022).

No entanto, em março de 2005, um novo elemento complicou ainda mais as já delicadas relações entre as duas Chinas. A Assembleia Nacional Popular, o parlamento da China continental, aprovou uma lei anti-secessão que permite o uso da força contra Taiwan caso esta declare formalmente sua independência (Mendonça, 2022). Essa medida intensifica as tensões entre os dois governos e coloca os Estados Unidos em uma situação complicada. Eles não têm planos de se envolver em um conflito direto com a China, ao mesmo tempo em que a China não parece disposta a ficar de braços cruzados caso Taiwan busque a independência por meios militares.

Desde 2004, o governo dos Estados Unidos tem fortalecido sua cooperação militar com Taiwan e pressionado a União Europeia para que não suspenda o embargo à venda de armas para a China continental, que foi imposto após o massacre da Praça da Paz Celestial em 1989, quando os chineses protestaram por liberdades democráticas. Além disso, Washington também buscou envolver o Japão na defesa de independência para a ilha, uma vez que o Japão tem interesses estratégicos no Estreito de Taiwan, por onde passa uma grande parte de suas mercadorias negociadas no mercado internacional (Mendonça, 2022).

Segundo Mendonça (2022), a maioria dos analistas acredita que a Lei Anti-Secessão da China é mais uma medida de retórica do que uma ação concreta. Essa lei, em essência, não acrescenta nada ao que o governo chinês já vinha declarando ao longo das décadas de tensão entre as duas Chinas. Além disso, há um fator adicional que atua como um impedimento para ações beligerantes: os laços econômicos e interesses compartilhados entre os países que poderiam ser afetados em caso de agravamento da questão taiwanesa.

Diante da contextualização oferecida nesse capítulo sobre a emergência da separação entre a China Continental e Taiwan, no próximo capítulo será realizada uma análise mais focada na estratégia de defesa que a ilha tem procurado adotar, a qual deve levar em consideração a assimetria de poder entre esses dois atores.

## **CAPÍTULO 3. A DEFESA DE TAIWAN**

### **3.1 A Política Internacional de Defesa de Taiwan frente aos interesses chineses e estadunidenses**

Taiwan tem a menos de 180 quilômetros de suas fronteiras a República Popular da China, com a qual compartilha língua e símbolos ancestrais, embora com um sistema político diferente, devido aos acontecimentos relatados nos capítulos precedentes. Taipei governa uma república democrática com 23 milhões de habitantes. Desde 1949, esses dois países estão envolvidos em uma disputa que resultou na exclusão de Taiwan de organizações internacionais e em um reconhecimento internacional limitado. Apenas 15 nações consideram Taiwan um estado soberano, enquanto a China insiste que a ilha faz parte de seu território e a trata como uma província rebelde. Em 2005, o Partido Comunista Chinês aprovou uma lei anti-secessão que afirma o direito de utilizar "meios não pacíficos" caso Taiwan tente se separar da China continental. Apesar da hostilidade e tensão persistente, Taiwan encontrou uma estratégia de dissuasão e de sobrevivência nacional em meio a esse conflito assimétrico: o "escudo de silício". Essa "arma" é a grande indústria de chips semicondutores, que usa o silício como matéria-prima e é essencial para fabricantes de aeronaves, setor de painéis solares, indústria de videogames, instrumentos médicos e muito mais. Sua complexidade torna difícil a replicação a médio e longo prazo, conforme será abordado no próximo subtópico (BBC, 2021).

Dadas as inúmeras variáveis que caracterizam a situação, a política internacional de defesa de Taiwan é muito complexa, e dentre elas podemos destacar a aliança com os Estados Unidos. As relações entre Taiwan e os Estados Unidos são complexas e envolvem uma série de dimensões, incluindo questões políticas, econômicas, militares e diplomáticas. Os Estados Unidos mantêm relações não oficiais com Taiwan, uma vez que reconheceram oficialmente a República Popular da China, com sede em Pequim, como o único governo legítimo da China. No entanto, os Estados Unidos têm uma relação sólida com Taiwan e fornecem apoio político, econômico e militar à ilha. Isso inclui a venda de armas e equipamentos militares para ajudar na defesa de Taiwan. Além disso, os EUA têm leis que estabelecem seu compromisso em ajudar Taiwan a se defender em caso de um ataque externo, embora isso não signifique necessariamente um compromisso automático de intervenção militar (Prashad, 2023).

As relações entre Taiwan e os Estados Unidos são frequentemente moldadas pelas tensões na região, especialmente em relação à China. A China considera Taiwan como uma

província rebelde e busca a reunificação, mesmo que seja necessário o uso da força. Essa questão é uma das principais fontes de tensão nas relações sino-americanas. Os Estados Unidos têm demonstrado apoio a Taiwan em várias ocasiões e têm enfatizado a importância da estabilidade e da manutenção do status quo no Estreito de Taiwan. As relações entre Taiwan e os Estados Unidos são, portanto, um fator significativo nas dinâmicas geopolíticas do leste da Ásia e no relacionamento dos EUA com a China (Prashad, 2023).

Quando o presidente Jimmy Carter estabeleceu relações diplomáticas com Pequim em 1979 e encerrou os laços oficiais com Taiwan, o Congresso dos Estados Unidos aprovou a Lei de Relações com Taiwan, que autoriza a venda de equipamentos militares para a ilha. A posição dos EUA em relação a Taiwan mantém uma "ambiguidade estratégica", o que significa que não declara abertamente se irá ou não intervir para defender Taiwan em caso de um ataque. Isso dificulta o planejamento de estratégias militares por parte da China. Em 2001, o presidente George W. Bush afirmou que faria "o que fosse necessário" para proteger Taiwan de um eventual ataque chinês. No entanto, a maioria dos demais presidentes dos EUA não faz declarações públicas sobre o assunto, embora suas ações demonstrem seu comprometimento. Na crise dos mísseis no Estreito de Taiwan em 1996, o presidente Bill Clinton ordenou que dois porta-aviões de guerra monitorassem os exercícios militares chineses, enviando uma mensagem clara a Pequim. A administração Trump fortaleceu os laços militares com Taiwan, autorizando a venda de armas modernas para Taipei. Essa política de estreitamento dos laços militares continuou sob a presidência de Joe Biden, e ficou visível com a já relatada visita de uma delegação estadunidense, liderada por Nancy Pelosi, que foi interpretada pela China como mais uma demonstração do apoio de Washington a Taiwan (BBC, 2021).

Visto que Taiwan enfrenta uma crescente pressão militar e política da China para aceitar sua soberania, o atual presidente estadunidense, Joe Biden, afirma que o país tem o compromisso de proteger a ilha de Taiwan. Atualmente, a Casa Branca afirma que a política em relação a Taiwan permanece inalterada. Assim, reproduz-se a política de "ambiguidade estratégica" no que diz respeito a uma possível intervenção militar para proteger a ilha em caso de ataque chinês. Nesse sentido, o governo americano afirma que a política dos EUA em relação a Taiwan não havia mudado, após o presidente Biden dar a entender que os EUA defenderiam Taiwan em caso de ataque (Hunnicut, 2021).

A China pediu aos EUA que "não enviem sinais errados às forças independentistas de Taiwan para evitar prejudicar seriamente as relações sino-norte-americanas, a paz e a estabilidade no Estreito de Taiwan", disse Wang Wenbin, porta-voz em Pequim. O gabinete

presidencial de Taiwan reafirmou sua posição de não ceder à pressão chinesa e de acordo com o porta-voz do gabinete presidencial, Xavier Chang, Taiwan mostrará uma determinação firme em sua autodefesa, e as ações concretas da administração Biden demonstrariam apoio sólido à ilha (Hunnicut, 2021).

### 3.2 Componentes e Capacidades da Estratégia de Defesa de Taiwan

Devido à proximidade entre Taiwan e China, conforme é perceptível no mapa abaixo, para se proteger de uma possível invasão chinesa o governo taiwanês conta com uma série de estratégias. Dentre elas, é importante mencionar o “Escudo de Silício”, um possível apoio dos EUA para Taiwan, a estratégia do porco-espinho da ilha, a defesa marítima em várias camadas e estratégias de guerrilhas.

Mapa 1 – Localização de Taiwan e a representação da estratégia porco-espinho



Fonte: (Timbie; Ellis Jr., 2022).

Especificamente sobre a primeira opção, o Escudo de Silício implica que a posição de Taiwan como líder global na produção de chips semicondutores de alta tecnologia age como um fator de dissuasão contra possíveis ações militares da China. Os efeitos de um conflito

nessa região seriam tão significativos que a China enfrentaria um custo considerável, incluindo sérios prejuízos para sua própria economia. O gigante asiático, juntamente com o restante da economia mundial, tem uma dependência crítica de chips extremamente avançados produzidos em Taiwan. Esses minúsculos componentes são fabricados a partir de semicondutores, ou seja, circuitos integrados geralmente constituídos de silício (BBC, 2021).

O “Escudo de Silício” assemelha-se ao termo “Destruição Mútua Assegurada”,<sup>3</sup> que foi muito usado na Guerra Fria, visto que qualquer empreendimento militar no estreito de Taiwan causaria danos consideráveis tanto à China quanto a Taiwan, aos Estados Unidos e em todo o globo. Assim, na realidade, isso desencoraja muito o desencadeamento do conflito e protege a ilha de uma incursão militar ordenada por Pequim. O custo associado a tal ação seria pesado, não somente para a própria China, mas também em termos globais. Assim, acredita-se que o governo de Xi Jinping teria essa questão em mente como um impeditivo ou dificultador para invadir a ilha, se necessário (BBC, 2021).

O possível apoio estadunidense a Taiwan, caso a China invada a ilha, pode ser considerada uma poderosa forma de dissuadir a China a atacar Taiwan, porém a extensão do respaldo dos EUA à ilha, em caso de agressão chinesa, permanece incerta. Por muitos anos, Washington adotou uma estratégia de incerteza deliberada em relação a Taiwan. Embora os EUA mantenham uma relação próxima ao governo taiwanês, eles não reconhecem sua plena soberania e não possuem laços diplomáticos oficiais. Embora a Casa Branca tenha fornecido armamentos de defesa a Taiwan, não assumiu publicamente um compromisso de intervenção militar, conforme já relatado nesse texto (Terra, 2022).

A ameaça potencial de uma possível invasão chinesa paira sobre Taiwan há décadas, tempo esse que foi suficiente para permitir o desenvolvimento de um sistema de defesa sofisticado e adaptado à sua geografia e ao fato de ser uma ilha. Para fazer frente a uma potência imensa como a China, Taiwan adotou uma estratégia de guerra assimétrica conhecida como "estratégia de porco-espinho", que visa dificultar ao máximo a invasão e torná-la dispendiosa para o agressor.(Terra, 2022).

Taiwan reuniu amplos estoques de armas e munições antiaéreas, antitanque e antinavio. Isso envolve a utilização de veículos aéreos não tripulados e projéteis de baixo custo, como mísseis de cruzeiro de defesa costeira, que têm a capacidade de neutralizar as

---

<sup>3</sup>Destruição Mútua Assegurada é uma percepção que ganhou ênfase durante a Guerra Fria, em um cenário no qual o possível uso de armas nucleares por um dos lados poderia desencadear uma reação que levaria à destruição de ambos (talvez da humanidade). Essa perspectiva remete à teoria da intimidação, por meio da qual entendesse que o desenvolvimento de certas armas cada vez mais poderosas tem o efeito justamente de evitar o conflito.

embarcações e equipamentos navais de alto valor da China. Outros recursos incluem embarcações de ataque rápido e barcos de assalto equipados com mísseis, que são relativamente econômicos, mas altamente eficazes. Esses ativos podem ser dispersos entre a frota de barcos de pesca nos portos de Taiwan. Minas marítimas e navios velozes projetados para lançar minas também podem dificultar consideravelmente as operações de desembarque anfíbio por parte da China (Terra, 2022).

Taiwan também pode se valer da capacidade de uma defesa marítima em camadas para proteger a ilha. O Exército de Libertação Popular da China necessitaria de um extenso transporte de tropas e uma grande quantidade de recursos, incluindo veículos blindados, armamentos, munições, provisões, materiais médicos e combustíveis, através do estreito que separa os dois territórios. Essa logística de transporte só pode ser realizada por via marítima, já que as pontes aéreas e as frotas de aeronaves possuem capacidades limitadas. O território de Taiwan abrange uma série de ilhas, algumas delas em proximidade às costas chinesas. Os sistemas de vigilância instalados nessas ilhas têm a capacidade de detectar a primeira frota que parte do litoral chinês. Isso concederia às forças taiwanesas um intervalo de tempo suficiente para organizar uma defesa em camadas múltiplas. A combinação de minas marítimas, complementada por embarcações de ataque velozes e mísseis, juntamente com suprimentos terrestres posicionados em praias e ilhas nas proximidades, enfrentaria o exército chinês em seu estado mais suscetível, antes que tivessem a oportunidade de efetuar um desembarque e dar início a uma operação militar (Terra, 2022).

Taiwan também preparou suas áreas urbanas para resistir em um cenário de guerrilha, caso as forças chinesas atinjam a costa de seu território. Sistemas de defesa aérea portáteis (*Manpads*) e armamentos antiveículos móveis, como sistemas de lançamento de foguetes de artilharia de alta mobilidade (*Himars*), podem ser empregados em confrontos urbanos, enquanto edifícios têm a capacidade de ser adaptados como centros de operações. De acordo com um relatório divulgado pela organização de pesquisa estadunidense *Rand Corporation* em 2017, existem 2,5 milhões de reservistas e 1 milhão de membros voluntários da defesa civil na ilha. No geral, esses números equivalem a aproximadamente 15% da população taiwanesa, o que significa que um em cada quatro homens faz parte desse contingente (Terra, 2022).

Um dos principais objetivos das estratégias taiwanesas é resguardar os sistemas cruciais de defesa, abarcando aeronaves e sistemas de proteção antimíssil, capazes de interceptar mísseis e impor danos substanciais aos invasores. Desde 2020, Taiwan tem adquirido dezenas de caças avançados dos EUA, ao mesmo tempo em que desenvolve seu



próprio caça, o AIDC F-CK-1 Ching-Kuo, conhecido como *Indigenous Defense Fighter*. Muitas dessas aeronaves são mantidas em bases com segurança intensificada, e os pilotos realizam treinamentos de aterrissagem em rodovias como medida de precaução no caso de os aeroportos serem alvo de ataques (Terra, 2022).

Além disso, mesmo se Washington optar por não participar de um eventual conflito, os Estados Unidos se comprometeram a continuar fornecendo sistemas de defesa e apoio de inteligência a Taiwan. Todas essas ações serviriam para transmitir à China a sensação de que, em caso de um conflito, este seria prolongado, dispendioso e sangrento. Ainda assim, para uma ilha autônoma de pequeno porte como Taiwan, a melhor situação seria evitar o conflito a todo custo.

### **3.3 A Estratégia de Porco Espinho de Taiwan**

O Exército de Taiwan, apesar de seu contingente militar e recursos limitados, dedica grande parte de seus esforços para se preparar para uma possível invasão chinesa. Essa preparação que ocorre há 70 anos e inclui uma variedade de planos para lidar com diferentes cenários, seja por terra, mar ou ar. A geografia de Taiwan é fundamental nesse planejamento, pois a ilha possui características que dificultam a invasão. Além dos mais de 180 km de oceano que a separam da China, a ilha é marcada por terreno montanhoso e pontos estratégicos de difícil acesso, o que torna a tarefa de um invasor mais complicada. Os defensores taiwaneses se aproveitam dessas características naturais, posicionando suas artilharias em locais elevados, de onde podem proteger eficazmente as áreas costeiras e limitar a visibilidade dos invasores. Em caso de uma invasão por parte da China, Taiwan acredita que a primeira estratégia de Pequim seria buscar o isolamento militar da ilha, implementando bloqueios navais e aéreos para impedir a chegada de reforços à região. Esse isolamento começaria com o controle dos céus, e a fase inicial do conflito provavelmente incluiria intensos ataques aéreos e navais, utilizando mísseis de alta precisão e velocidade. Os alvos principais seriam as infraestruturas de defesa de Taiwan, como aeroportos, sistemas de radar, depósitos de armas e posições defensivas de suas forças armadas, seguindo um padrão semelhante ao que foi observado durante os primeiros dias da guerra na Ucrânia. A Força Aérea Chinesa possui uma grande quantidade de recursos militares, incluindo mais de 2.800 caças de combate, 450 bombardeiros e mais de 400 aeronaves de transporte. Em contrapartida, Taiwan possui aproximadamente 500 caças, 30 aeronaves de transporte e 237 helicópteros para defender seu espaço aéreo (Souza, 2022).

Segundo Souza (2022), de acordo com um recente estudo do *Naval War College*, durante essa fase inicial de uma possível invasão, a China utilizaria sua vasta capacidade de mísseis intercontinentais, com alcance de até 5.500 km, muito além do necessário para atingir Taiwan. A maior parte desse arsenal seria empregada para neutralizar as defesas aéreas e marítimas de Taiwan, bem como infraestruturas estratégicas do país. Isso incluiria o uso do sistema *Sky Bow III*, que consiste em mísseis capazes de atingir a velocidade de Mach 7 e abater alvos a até 200 km de distância. Embora seja altamente improvável que a China recorra a um ataque nuclear em Taiwan, é importante notar que muitos desses sistemas têm a capacidade de transportar ogivas nucleares. Estima-se que Pequim possua pelo menos 350 ogivas nucleares, embora as autoridades chinesas afirmem que mantêm uma política de não serem os primeiros a usar armas nucleares em um conflito. Não obstante, a superioridade aérea da China não será suficiente para garantir a segurança da grande quantidade de navios necessários para uma invasão bem-sucedida e completa de Taiwan. Além do contingente de soldados significativo, uma operação militar para invadir a ilha exige o desembarque de milhares de veículos blindados, peças de artilharia e suprimentos logísticos, sem mencionar as toneladas de munições e recursos adicionais. Para realizar essa operação em grande escala, é preciso uma frota marítima massiva, composta por milhares de embarcações, em uma travessia de mar aberto (Souza, 2022).

A marinha chinesa possui dois porta-aviões, 32 destróieres, 48 fragatas e 71 submarinos, incluindo seis submarinos nucleares. Enquanto isso, Taiwan conta com quatro destróieres, 22 fragatas, dois submarinos e 14 navios de transporte. Embora a China tenha se tornado a maior marinha do mundo em termos de número de navios em 2014, ainda não pode ser considerada a principal potência naval em termos de sofisticação e tecnologia de suas embarcações, que continuam sendo superadas pelas embarcações estadunidenses.

O mesmo estudo também destaca que a estratégia de Taiwan em combates marítimos no Estreito com a China envolve o uso de sistemas de mísseis antinavio, incluindo ataques e medidas de defesa que vão desde o lançamento de mísseis contra navios inimigos até o uso de minas navais próximas à costa e nos próprios portos. A quantidade massiva de navios necessária para uma invasão eficaz da costa taiwanesa colocaria a frota chinesa em uma posição de desvantagem considerável, aumentando significativamente os desafios logísticos e a vulnerabilidade das embarcações chinesas (Souza, 2022).

Para efeito de comparação, a invasão da Normandia, que é uma das maiores operações anfíbias da história, envolveu 1.200 aviões transportando paraquedistas e 5.000 navios de transporte, com mais de 160 mil soldados. Qualquer tentativa de desembarque chinês em

Taiwan teria que ser consideravelmente maior, enfrentando um oponente que possui mísseis de alta precisão, radares avançados e uma preparação de guerra de mais de sete décadas. Além de ser capaz de posicionar um grande contingente de soldados no terreno, conquistar e defender o território, bem como manter áreas protegidas até a chegada de reforços e suprimentos adicionais, também é crucial transportar equipamentos e recursos essenciais para sustentar as conquistas territoriais e fornecer apoio às tropas. Embora Taiwan possua algumas áreas costeiras adequadas para desembarque, muitas delas estão adjacentes a zonas urbanas cercadas por elevações e montanhas, conferindo uma vantagem estratégica considerável às forças de defesa taiwanesas. Elas, sem dúvida, aproveitarão a altitude dessas montanhas para realizar bombardeios sobre os invasores durante o desembarque.

Dado que as principais áreas costeiras de Taiwan são urbanas e densamente povoadas, isso dificulta um avanço rápido e proporciona ao defensor um ambiente de defesa bem conhecido e de difícil penetração. Isso transformaria as tentativas de conquista em batalhas de guerrilha, retardando e dificultando qualquer avanço rápido ou ataque. Além disso, é importante considerar a ciberguerra, na qual Taiwan enfrentaria a China, que possui tecnologia avançada e expertise em ataques cibernéticos às infraestruturas de tecnologia da informação de países ocidentais. A inteligência de Pequim, sem dúvida, lançaria ataques contra infraestruturas críticas, incluindo aeroportos, empresas de telecomunicações, sistemas de energia e instituições financeiras, afetando as estruturas econômicas da ilha (Souza, 2022).

Segundo Timbie e Ellis Jr. (2022), a adoção de uma defesa eficiente em um contexto de guerra assimétrica, que aproveite as vantagens naturais de Taiwan e explore as vulnerabilidades do Exército de Libertação Popular, é algo que tem ganhado novos contornos pelo menos desde 2008, com a chamada “estratégia porco-espinho”. Por exemplo, os autores destacam que o almirante (aposentado) Lee Hsimin, chefe do Estado-Maior das forças armadas de Taiwan de 2017 a 2019, desenvolveu e defendeu um conceito geral de defesa que teria como principal inovação a complementação das principais forças disponíveis a partir de “um grande número de pequenas coisas”. Nesse sentido, Lee apoiou a aquisição contínua de pequenas quantidades de caças F-16 avançados e submarinos, mas que deveriam ser complementados com grandes quantidades de pequenos e móveis sistemas antiaéreos e antinavios, que possam sobreviver aos ataques iniciais e resistir eficazmente a invasões aéreas ou anfíbias. Para Timbie e Ellis Jr. (2022), esta estratégia do porco-espinho faz sentido independentemente da clareza ou ambiguidade no compromisso de defesa dos EUA em relação a Taiwan, ou se considera-se a invasão uma ameaça a curto prazo ou uma possibilidade a longo prazo.

Quando a presidente do Congresso dos Estados Unidos, a terceira na linha de sucessão para a presidência do país, Nancy Pelosi, chegou a Taipei, desencadeando a mais recente crise política entre as duas maiores potências econômicas globais por conta da ilha, ela enfatizou que a "solidariedade dos Estados Unidos com Taiwan é de extrema importância". Além desse claro sinal de apoio, os principais líderes estadunidenses repetidamente afirmam, em maior ou menor medida, que se envolveriam ativamente na defesa de Taiwan se houvesse qualquer tentativa de invasão ou ataques por parte da China. No entanto, fundamentalmente, a China não considera os taiwaneses como inimigos genuínos, e a destruição excessiva da infraestrutura, cidades, empresas e estabilidade econômica da ilha não teria valor para os chineses. Isso é especialmente verdade para as indústrias de semicondutores e processadores avançados, que desempenham um papel crucial em uma ampla gama de produtos, desde automóveis e computadores até eletrodomésticos, e representam 84% da produção global, tornando Taiwan de importância estratégica vital para a economia global (Souza, 2022).

Em uma guerra que se mostra extremamente difícil de vencer em todos os aspectos, e que tem o potencial de prejudicar não apenas a estabilidade econômica e geopolítica atual, mas também todos os envolvidos, a China parece ter poucas opções além de manter uma postura irritada e ameaçadora, mas pouco mais do que isso. Pelo menos por enquanto. No cenário atual, há a percepção de que os possíveis riscos custos da invasão para a reincorporação da ilha seriam demasiados altos, restante à China a opção de observar atentamente a situação. Conforme alertam Timbie e Ellis Jr. (2022, p. 84-85), “a perspectiva de fracasso, ou os custos políticos econômicos, internacionais e internos de um conflito prolongado, poderiam dissuadir a China de iniciar uma invasão que poderia ser repelida ou que poderia arrastar-se com consequências nacionais e internacionais adversas”.<sup>4</sup>

Em resumo, a estratégia de Taiwan se baseia na ideia de tornar uma invasão da ilha tão difícil e custosa para o inimigo que desencoraje qualquer tentativa de ataque. Para atingir esse objetivo, Taiwan implementou uma série de medidas de defesa em várias camadas. Isso inclui o uso de sistemas de mísseis, minas marítimas e outras armas para complicar as operações de desembarque de uma força invasora. Além disso, as cidades de Taiwan foram preparadas para uma possível guerra de guerrilha, com edifícios adaptados para uso militar e o uso de sistemas de defesa aérea portáteis em combates urbanos. Taiwan também acumulou grandes estoques de armas e munições antiaéreas, antitanque e antinavio, incluindo mísseis de

---

<sup>4</sup> Original: The prospect of failure, or the economic, international, and domestic political costs of a protracted conflict, could deter China from initiating an invasion that could be thrown back or that could drag on with adverse domestic and international consequences.

cruzeiro de defesa costeira, capazes de atacar navios inimigos e forças terrestres próximas da costa. A ilha também mantém grandes reservas de pessoal militar na forma de reservistas e voluntários da defesa civil, representando uma parte significativa da população, prontos para apoiar a defesa do país em caso de conflito. A estratégia de porco-espinho de Taiwan visa explorar as vantagens geográficas da ilha e a disposição do povo taiwanês em se defender. O objetivo é criar uma situação em que um possível agressor, como a China, seja desencorajado devido ao alto custo e complexidade de uma invasão. Essa estratégia é uma resposta à disparidade de forças entre Taiwan e a China continental e visa garantir a sobrevivência da ilha em caso de conflito (Amerise, 2022).

## CONCLUSÃO

Por meio deste trabalho buscou-se compreender a Defesa Estratégica da Ilha de Taiwan, tendo em vista a recorrência desse debate nas Relações Internacionais e nos Estudos Estratégicos nos últimos anos. Para alcançar tal objetivo, o primeiro paço realizado foi apresentar o conceito básico do que seria uma guerra assimétrica, visto que em um possível embate entre China e Taiwan o conflito poderia ser caracterizado a partir desse entendimento. Destacou-se que há uma grande diferença de poderio, em todos os sentidos, entre os dois atores, além das possíveis vantagens relacionadas ao terreno e ao fato de Taiwan ser uma ilha, o que dificultaria muito um desembarque anfíbio da China em Taiwan. Sendo assim, a concepção de guerra assimétrica foi considerada útil para a compreensão dos dilemas e possibilidade de defesa de Taiwan.

Neste contexto, foi explicado que a guerra assimétrica é um tipo de conflito bélico em que as forças envolvidas possuem discrepâncias significativas em termos de poderio militar e tecnológico. Nesse tipo de guerra, o lado mais fraco precisa se valer de estratégias, brechas e vantagens que o lado mais forte pode proporcionar, a fim de compensar a diferença de poder entre os dois Estados. A guerra assimétrica requer um nível mais elevado de inteligência em relação às guerras tradicionais, com mais análise e capacidade de disseminação de informações para responder a um sistema de comando mais flexível. Além disso, a guerra assimétrica envolve elementos de gerações de guerras anteriores, o que requer que as forças regulares estejam adequadamente preparadas para enfrentar essa complexidade e imprevistos do ator mais fraco no campo de batalha.

Atualmente, o mundo vive um momento de conflitos regionalizados, frequentemente indo além das fronteiras dos países em conflito. Estes conflitos envolvem tanto forças estatais quanto não estatais e são motivados por diversas temáticas, como questões étnicas, tribais, religiosas ou até mesmo por organizações criminosas. Nesse cenário, a guerra assimétrica tem sido cada vez mais ativada e está cada vez mais complexa, visto as diferentes características de conflitos que se misturam e se sobrepõem, envolvendo questões políticas, econômicas, tecnológicas, sociais, militares e midiáticas.

Assim, foi feita uma avaliação sucinta entre os poderes da China e de Taiwan, com o intuito de demonstrar que a comparação entre o poderio tecnológico e militar de ambos é de extrema importância para compreender uma possível guerra assimétrica que possa se desenrolar nesse cenário. Enquanto a China se tornou uma potência global em termos econômicos, e hoje é a segunda economia mundial, e com alto desenvolvimento tecnológico e

militar, Taiwan cresceu como uma próspera referência de democracia e desenvolvimento tecnológico, enfrentando desafios significativos devido às pressões políticas e militares chinesas.

Outro fato apresentado foi como a presença dos Estados Unidos na relação entre China e Taiwan é um fator importante para dissuadir a China a atacar a ilha. Os Estados Unidos têm demonstrado possibilidades de cooperar com Taiwan no caso de uma agressão externa, o que pode ser visto como um fator dissuasório para a China. No entanto, a política dos Estados Unidos em relação a Taiwan é complexa e envolve uma série de tratados, tanto com a China como com Taiwan. Além disso, a China tem reagido de forma negativa a algumas ações dos Estados Unidos, seja com a venda de armas, seja com os estreitamentos políticos com Taiwan.

Para um melhor entendimento dos atritos entre China e Taiwan, também foi feita uma discussão sobre as raízes históricas da disputa entre os dois Estados, destacando os principais atores envolvidos nesse conflito, como Sun Yat-Sen, Chiang Kai-Chek e Mao Tsé-Tung. Também foi retratada a dinâmica política que ocorreu dentro da China, que levou à criação do KMT e do PCC, assim como a vitória dos comunistas em 1949, levando os nacionalistas a fugirem para Taiwan, o que resultou na divisão entre a China continental e Taiwan. Além disso, também foi analisado como o chamado "Século de Humilhações" influenciou nas tomadas de decisões da China, tendo-se, assim, um panorama histórico importante para entender as origens e a complexidade da disputa entre os dois atores.

Além disso, foram tratadas as reivindicações chinesas, dentre as quais se destaca o princípio da "Uma só China", que é amplamente aceito pela comunidade internacional. Esse princípio estabelece que existe apenas uma única entidade chinesa no mundo e que Taiwan é considerada uma parte inseparável do território chinês, ou seja, uma província rebelde. No entanto, os Estados Unidos têm desafiado esse princípio ao manter relações não oficiais com Taiwan e promover atividades que aparentam apoio à independência da ilha. A China rejeita essa ação e ressalta a determinação de preservar sua soberania e integridade territorial. Assim, o governo chinês considera perigoso Taiwan estar sob a influência dos Estados Unidos devido aos interesses estratégicos envolvidos.

Fica evidente que a China valoriza profundamente a importância do princípio da "Uma só China" e considera a defesa da soberania nacional e da integridade territorial como um objetivo comum e uma responsabilidade de todos os cidadãos chineses. O princípio de "Uma só China" é amplamente aceito pela comunidade internacional, estabelecendo que Taiwan é uma parte inseparável do território chinês. No contexto da relação entre China e

Brasil, o país sul-americano segue a tendência da maioria das nações e adere ao princípio de "Uma só China".

Foi visto também que o "Século de Humilhação" na história da China teve um impacto significativo na formação da identidade nacional chinesa e nas políticas e estratégias do país contemporaneamente. Esse período, que abrangeu meados do século XIX até meados do século XX, foi marcado por conflitos com potências ocidentais, especialmente na Guerra do Ópio, que enfraqueceu as autoridades chinesas e dividiu o país. A China considera a superação desse "século de humilhação" como um objetivo fundamental e Taiwan desempenha um papel importante nesse processo.

Por fim, foi abordada a política de defesa de Taiwan em relação aos interesses chineses e estadunidenses. Destaca-se a disputa entre Taiwan e a China, na qual a China considera Taiwan uma província rebelde, enquanto Taiwan busca se manter como uma república democrática separada. Nesse contexto, Taiwan também se vale da estratégia de dissuasão conhecida como "escudo de silício", baseada na indústria de chips semicondutores do país. Além disso, Taiwan possui uma aliança com os Estados Unidos, sendo apoiada politicamente, economicamente e militarmente por eles, conforme destacado anteriormente, reforçando como as relações entre Taiwan e os Estados Unidos são um fator importante nas dinâmicas geopolíticas do leste da Ásia e no relacionamento dos EUA com a China. No entanto, a política dos EUA em relação à intervenção militar para proteger Taiwan permanece ambígua, visto que a política oficial do país norte-americano continua sem declarações claras sobre uma possível intervenção militar. A China pediu aos EUA para não enviar sinais errados às forças independentistas de Taiwan, enquanto Taiwan reafirma sua determinação e capacidade de autodefesa. Essas informações são relevantes para compreender o cenário geopolítico na região do leste asiático e as estratégias adotadas por Taiwan para proteger sua autonomia.

Também foram abordadas as capacidades da estratégia de defesa adotada por Taiwan contra uma possível invasão chinesa. Verificou-se que a ilha utilizaria uma estratégia de guerra assimétrica conhecida como "estratégia de porco-espinho" para dificultar a invasão e torná-la custosa para a China. Além disso, Taiwan possui recursos como o "Escudo de Silício", por ser o líder global na produção de chips semicondutores, essenciais para a economia chinesa, além da possibilidade de apoio dos EUA.

A defesa marítima em camadas, com a detecção precoce de frotas chinesas e o uso de minas, embarcações e mísseis também são discutidos como medidas de proteção. A preparação das áreas urbanas para guerrilha e o resguardo dos sistemas de defesa, incluindo



aeronaves e sistemas antímíssil, também são abordados. No entanto, Taiwan busca evitar o conflito a todo custo, e mesmo se os EUA não participarem de um enfrentamento, eles provavelmente continuariam fornecendo apoio à defesa e inteligência de Taiwan.

Consta, ainda, uma discussão sobre a estratégia de defesa de Taiwan em caso de uma possível invasão chinesa, destacando as vantagens naturais da ilha, que a deixam protegida, como a geografia montanhosa e os locais estratégicos de difícil acesso, que tornam a tarefa de um invasor mais complicada. Para enfrentar uma possível invasão, Taiwan implementou uma série de medidas de defesa marítima em várias camadas, incluindo sistemas de mísseis, minas marítimas e outras armas para dificultar as operações de desembarque inimigo. Além disso, retomou-se o argumento de que as cidades de Taiwan foram preparadas para uma guerra de guerrilha, adaptando edifícios para uso militar e utilizando sistemas de defesa aérea portáteis. A estratégia de defesa de Taiwan visa tornar a invasão da ilha tão difícil e custosa para a China que desencoraje qualquer tentativa de ataque.

Além disso, buscou-se mostrar que apesar de ter menos recursos em comparação com a China, Taiwan se prepara para uma possível invasão acumulando armas, treinando reservistas e desenvolvendo planos de defesa para diferentes cenários. A estratégia de defesa taiwanesa tem como objetivo principal explorar suas vantagens geográficas, principalmente pelo fato de ser uma ilha, bem como a disposição do povo de Taiwan em se defender. No entanto, ainda é mostrado que a China pode ser dissuadida de iniciar uma invasão devido aos possíveis riscos e custos envolvidos. O fracasso ou os custos políticos, econômicos e internacionais de um conflito prolongado podem ser fatores que desencorajam a China de prosseguir com uma invasão.

Em conclusão, este trabalho ressalta a estratégia de defesa de Taiwan, baseada na exploração das vantagens geográficas, no preparo militar e na determinação do povo taiwanês em se defender. Enfrentar uma possível invasão chinesa é um desafio complexo, mas Taiwan tem se preparado para isso há muitos anos e a China sabe que suas perdas militares, políticas e econômicas em uma possível invasão seriam enormes, havendo, dessa forma, a grande possibilidade de que a tensão entre esses dois atores se mantenha como está por muitos anos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERISE, Atahualpa, Taiwan: como é a estratégia 'porco-espinho' criada pela ilha para se defender de possível invasão da China. *BBC*, 5 ago. 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62421629>>. Acesso em: 13 jul. 2023.

BBC. Taiwan: EUA e China podem entrar em guerra pela ilha?. *BBC*, 03 ago. 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61795719>>. Acesso em: 09 set. 2023.

BBC. O importante papel do 'escudo de silício' que protege Taiwan da China. *BBC*, 16 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57863789>>. Acesso em: 15 out. 2023.

BERGSTEN, C. Fred; FREEMAN, Charles; LARDY, Nicholas R; MITCHELL, Derek J. *China's Rise: Challenges And Opportunities*. Paper - Peterson Institute For International Economics (Piie), October 2009. Disponível em: <<https://www.piie.com/bookstore/chinas-rise-challenges-and-opportunities-paper>>. Acesso em: 23 set. 2023.

CAVALCANTI, Lucas. *Estados Unidos e China em Taiwan: para além da geopolítica*, PETREL, Universidade de Brasília, 26 ago. 2022. Disponível em: <<http://petrel.unb.br/destaques/170-estados-unidos-e-china-em-taiwan-para-alem-da-geopolitica-2>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

CHEUNG, Eric. Não há espaço para concessões sobre a soberania de Taiwan. *CNN Brasil*, 10 out. 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/nao-ha-espaco-para-concessoes-sobre-a-soberania-de-taiwan-diz-presidente-tsai/>>. Acesso em: 03 out. 2023.

CINZENTO, Victor, China e Taiwan: compare as forças militares e entenda como se desenrolaria eventual conflito *G1*, 20 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/08/20/china-e-taiwan-compare-as-forcas-militares-e-entenda-como-se-desenrolaria-eventual-conflito.ghtml>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

DUARTE, Érico Esteves. *Conduta da Guerra na Era Digital e suas Implicações para o Brasil: Uma Análise de Conceitos, Políticas e Práticas de Defesa. Texto para discussão 1760*, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 2012. Disponível em: <[https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td\\_1760.pdf](https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td_1760.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2023.

DW. Deutsche Welle, O histórico das tensões entre China e Taiwan. *G1*, 13 abr. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/04/13/o-historico-das-tensoes-entre-china-e-taiwan.ghtml>>. Acesso em: 17 jul. 2023

ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. *History of China*. set. de 2023. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/history-of-China>>. Acesso em: 15 out. 2023.

EXAME. Exército da China é dez vezes o de Taiwan; veja os maiores exércitos do mundo. *Exame*, Agosto 2022. Disponível em: <<https://exame.com/mundo/exercito-china-taiwan/>>. Acesso em: 02 out. 2023.

FINANCIAL TIMES, China suspends 2000 food products from Taiwan as Nancy Pelosi visits. *Financial Times*, August 2022. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/ff15198f-cdc2-48fa-bed5-4a59bebbf01a>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

FRIEDE, Reis. Guerra assimétrica reversa. Dossiê: História e Militarismo, *Revista História*, 29 (2), São Paulo, dez. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/his/a/6m7Hh9CnqkzDvwHZTLV7wts/#>>. Acesso em: 10 set. 2023.

GARON, C. A China e sua vizinhança. *Cadernos de Política Exterior*, v. 3, 2016, p. 121–140. Disponível em: <[https://www.funag.gov.br/ipri/images/pdf/3.07\\_China.pdf](https://www.funag.gov.br/ipri/images/pdf/3.07_China.pdf)>. Acesso em: 11 ago. 2023.

GONÇALVES, M. A. *O Diálogo Europa-China-Ásia-Pacífico: Desafios e Turbulências no Século XXI*. Editora Leiria, 2004.

HIRST, Monica; MACIEL, Tadeu M. O tripé da Política Externa Brasileira no governo Bolsonaro. *Boletim OPSA*, IESP-UERJ, n. 3, jul./set. 2020. Disponível em:

<[http://opsa.com.br/wp-content/uploads/2017/01/Boletim\\_OPESA\\_2020\\_n3-jul-set-2020.pdf](http://opsa.com.br/wp-content/uploads/2017/01/Boletim_OPESA_2020_n3-jul-set-2020.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2023.

HUNNICUTT, Trevor. Biden diz que EUA tem compromisso de defender Taiwan. *Agência Brasil*, 22 out. 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2021-10/biden-diz-que-eua-tem-compromisso-de-defender-taiwan>>. Acesso em: 15 out. 2023.

HURTADO, Juan Ricardo Sánchez; MONCADA, Luis Alexander Montero; CASTRO, Carlos Alberto Ardila; CABRERA, Antonio José Ussa. Discusión Epistemológica de la Guerra Asimétrica: Adopción Contemporánea de la Asimetría Interestatal. *Revista Científica General José María Córdova*, Bogotá D.C., Colômbia, Sección Estudios Militares, v. 10, n. 10, 2012. Disponível em: <<https://revistacientificaesmic.com/index.php/esmic/article/view/229>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

KANE, Thomas M. *Chinese Grand Strategy And Maritime Power*. Routledge: New York, NY, 2014.

LÓPEZ, Estefan Baleta. Terrorismo, Tecnología y Guerra Asimétrica. *Tabula Rasa*, n. 28 Bogotá Jan./Jun. 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1794-24892018000100371&lng=en&nrm=iso&tlng=es](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-24892018000100371&lng=en&nrm=iso&tlng=es)>. Acesso em: 26 ago. 2023.

MACFARQUHAR, Roderick. *The Politics of China: Sixty Years of The People's Republic of China*. Cambridge University Press, 2011.

MARTINS, José Miguel. *Guerra Assimétrica e Digitalização: Comparação entre as doutrinas americana e chinesa da guerra assimétrica e estudo sobre a modernização das forças armadas chinesas*. Comitê Temático de Defesa Nacional – CT/DE, Edital MCT/CNPq 02/2006 – Universal, 2006.

MENDONÇA, Cláudia. Taiwan - Uma nação ou uma província chinesa. *UOL*, 01 jun. 2022. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/taiwan-uma-nacao-ou-uma-provincia-chinesa.htm>>. Acesso em: 03 out. 2023.

PEREIRA, Daniel Santos. *Tudo sob o céu resta dividido: a soberania sobre Taiwan posta em cheque e seus impactos na geopolítica mundial*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) - Faculdade de Direito de Alagoas, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022. 121 f.

PRASHAD, Vijay. Os Estados Unidos querem transformar Taiwan na Ucrânia do Leste. *Brasil de Fato*, 13 fev. 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/02/13/os-estados-unidos-querem-transformar-taiwan-na-ucrania-do-leste>>. Acesso em: 11 out. 2023.

REIS, Lohana, Como Taiwan vai Copiar da Ucrânia a Estratégia de “Porco-Espinho” para se Defender da China. *Atlas Report*, 17 Jul. 2023. Disponível em: <<https://atlasreport.com.br/como-taiwan-vai-copiar-da-ucrania-a-estrategia-de-porco-espinho-para-se-defender-da-china/>>. Acesso em 17 jul. 2023.

SANTOS, L. G. T.; Silva, B. S. A importância simbólica e estratégica de Taiwan na geopolítica do leste da Ásia. *Revista Eletrônica - Estácio Recife*, 5(3), 2020. Disponível em: <<https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/345>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SILVA, Carlos Alberto Pinto. Guerra Assimétrica: adaptação para o êxito militar. *PADECEME*, Rio de Janeiro, n° 15, 2° quadrimestre 2007. Disponível em: <<http://www.ebrevistas.eb.mil.br/RMM/article/view/275/243>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SOUZA, Michael. A Batalha por Taiwan. *Terraço Econômico*, 05 ago. 2022. Disponível em: <<https://terraoeconomico.com.br/a-batalha-por-taiwan>>. Acesso em: 09 out. 2023.

TERRA. Como Taiwan poderia se defender contra a China? *Terra*, 02 ag. 2022. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/como-taiwan-poderia-se-defender-contra-a-china,c0eff9ac1be17066651715f18dea2bede59fv1mo.html>>. Acesso em: 15 out. 2023.

TIMBIE, James; ELLIS JR., James O. A Large Number of Small Things: A Porcupine Strategy for Taiwan. *The Strategist: Texas National Security Review*, Volume 5, Issue 1, 2022. Disponível em: <<https://repositories.lib.utexas.edu/handle/2152/94694#:~:text=As%20China's%20rhetoric%20about%20%E2%80%9Creunification,Army's%20vulnerabilities%2C%20and%20help%20to>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

YAMOU, Lee, Taiwan exhibe drones para “guerra assimétrica” com a China e cita Ucrânia. *CNN*, 4 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/taiwan-exibe-drones-para-guerra-assimetrica-com-a-china-e-cita-ucrania/>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

YUQING, Yan. O Princípio de Uma Só China. *CEÁSIA-UFPE*, 11 ago. 2022. Disponível em: <<https://ceasiaufpe.com.br/?p=5869>>. Acesso em: 03 out. 2023.

ZHOU, L. O Século de Humilhação e a Sua Influência Na Construção da Identidade Nacional da China. *E- Revista De Estudos Interculturais*, 1(9), vol. 1, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.34630/erei.v1i9.4170>>. Acesso em: 16 jul. 2023.